

ANA KARINA VEIGA

**COBERTURA TELEVISIVA DE FUTEBOL É IGUAL EM QUALQUER
LUGAR DO MUNDO, ATÉ NO EGITO?**

UFRJ/CFCH/ECO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

ANA KARINA VEIGA

**COBERTURA TELEVISIVA DE FUTEBOL É IGUAL EM QUALQUER LUGAR DO
MUNDO, ATÉ NO EGITO?**

Rio de Janeiro

2009

ANA KARINA VEIGA

**COBERTURA TELEVISIVA DE FUTEBOL É IGUAL EM QUALQUER LUGAR DO
MUNDO, ATÉ NO EGITO?**

Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação,
Graduação em Comunicação Social,
Habilitação em Jornalismo

Orientador: Prof. Maurício Scheleder
Doutor em Comunicação

Rio de Janeiro

2009

Ana Karina Veiga

COBERTURA TELEVISIVA DE FUTEBOL É IGUAL EM QUALQUER LUGAR DO MUNDO, ATÉ NO EGITO?

Monografia submetida à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Rio de Janeiro, de de 2009.

Prof^a. Dr^a. Raquel Paiva, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Mauricio Scheleder, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Flávio Nehrer, ECO/UFRJ

Prof. Dr. William Dias Braga , ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter possibilitado tudo e à minha família:

Meu pai por sempre acreditar em mim e por suportar a dor de assistir a meu quase abandono dos estudos.

Minha mãe, minha maior referência feminina, por ter me dado o apoio necessário para que eu pudesse concluir este trabalho cuidando de mim e de seus netos.

Meus “pimpolhos” - Mohamed e Ana Yasmine - por aguentarem minhas ausências e por seus sorrisos doces que me aliviaram, muitas vezes, as dores e o desespero da ansiedade pelo fim deste.

Meu marido, companheiro incansável e de paciência infinita, por ter me deixado ficar mais um ano no Brasil para finalizar este trabalho.

Minha irmã, Thatiana, meu cunhado Alexandre minha sobrinha Anna Clara, que me abrigaram no Rio de Janeiro, recebendo-me como uma filha.

Meu irmão Paulinho, minha cunhada Juliana e meu sobrinho Pablo por distraírem meus filhos nos infundáveis domingos de digitação deste.

Minha sogra - Sâmia – e meus cunhados Waleed, Asa e Yasmine, por esperarem tanto tempo para poder conhecer meus gêmeos.

À meu orientador e mestre, Maurício Scheleder por não desistir de sê-lo mesmo com tantas idas e vindas. Por ser tão especial em meu tempo escolar e em minha vida. Por tudo que me ensinou.

À professora Raquel Paiva e ao professor Amaury, por tanto carinho, atenção e compreensão comigo.

Aos amigos e professores da ECO, em especial à Gabrielle Oliviere por ter sido companheira e ouvinte nos momentos em que muito precisei.

E ao casal amigo, Alice e Alexandre, por tamanha dedicação e apoio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Ilustração 1 – Logotipo do Canal Dream	11
Ilustração 2 – Resumo do programa	12
Ilustração 3 – Khaled El Ghandour apresentando o programa	13
Ilustração 4 – Campanha Publicitária da Pepsi	18
Ilustração 5 – Logotipo do programa analisado	19
Ilustração 6 – Milton Neves entrevista Maradona	33
Ilustração 7 – Resumo do “Bola na Rede”	34
Ilustração 8 – Simpatia com Gaza	39
Ilustração 9 – Romário	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	OBJETIVOS	4
3	RELIGIÃO	6
4	COMUNICAÇÃO	9
4.1	Um pouco de história	9
4.2	Atualidade	12
5	O CANAL DREAM	13
5.1	A programação esportiva do Dream	13
5.2	Programa “El Reyada El Youm” (“Sport today”)	14
6	A COMPARAÇÃO	17
6.1	O apresentador	17
6.2	Tempo	19
6.3	Futebol show	20
6.4	Marketing	20
6.5	Computação gráfica	21
6.6	Reportagens	22
6.7	Emoção	23
6.8	Prestação de serviços	24
6.9	A narração	25
6.10	Linguagem	26
6.11	Demanda do público	27
6.12	Mulheres	31

6.13	Iguais e diferentes	34
9	CONCLUSÃO	40
10	BIBLIOGRAFIA	45

1. INTRODUÇÃO

Falar de futebol sempre envolve paixão, seja no Brasil – reconhecido como o país do futebol – ou no Egito.

Apesar de o Egito não ter participado muitas vezes da maior competição de futebol do mundo¹ – a Copa –, a paixão pelo esporte é evidente na população.

Existem poucas equipes fortes, e estas, se comparadas às do Brasil, são apenas razoáveis. Mas isto não torna os campeonatos egípcios menos competitivos do que os brasileiros – no último campeonato nacional o campeão só foi definido nas últimas rodadas.

Por ter mais dinheiro – grandes patrocinadores –, mais torcedores, os melhores jogadores e resultados – chegou a jogar contra o Internacional pela Copa do Mundo de Clubes da FIFA –, Ahly tem torcida apaixonada e é a maior equipe egípcia. Depois temos o Zamalek – rival absoluto do Ahly. São como Flamengo e Vasco no Rio de Janeiro.

Além deles existem Enpi, Aluminum, Ethad, Misri, Arab Contractor, Baladeyet El Mahala, Al Geish, Ismaili, Tarsana, Suez Cement, El Masreya Lel Etesalat, Petrojet, Haras El Hedood e Ghazl El Mahala.

Estas equipes e, em alguns casos, o Egito participam dos vários campeonatos egípcios e africanos – Liga Egípcia, Copa Egípcia, Super Copa Egípcia, Liga Africana dos Campeões, Copa dos Campeões Africana, Super Copa Africana, Copa Afro-Asiática.

Na TV, Ahly tem mais espaço – por ser a equipe mais forte, por ter mais torcedores e, conseqüentemente, por ter mais patrocínio. Seus jogadores estão sempre envolvidos em campanhas publicitárias. Todo programa esportivo do Egito dedica mais tempo para falar do Ahly e de tudo que o envolve. A equipe possui um estádio – Cairo Stadium – e é a que tem melhor estrutura. Os salários são pagos em dia, há regalias para jogadores que dêem bons resultados – casa, carro, empregados. O técnico é português e anda com um tradutor pois não fala árabe.

O futebol é o mesmo – campo, bola, jogadores, imprensa, problemas com arbitragem, rivalidade entre torcidas...

Mas e a cobertura televisiva? A visão do jornalista esportivo televisivo do Egito seria a mesma que a do jornalista brasileiro?

A demanda do público também?

¹ O Egito participou de duas Copas do Mundo – ambas na Itália. A primeira em 1934, quando saiu na primeira fase, derrotado pela Hungria por 4X2. A segunda em 1990 – nesta, o país conseguiu não perder os dois primeiros jogos (empatou com a Holanda, 1X1, e com a Irlanda, 0X0).

Quais as semelhanças e as diferenças em relação a cobertura televisiva do Brasil?

Este trabalho busca a resposta para pergunta bem simples: cobertura televisiva de futebol é sempre igual, até no Egito?

Para chegar à resposta serão analisados dados históricos e atuais do jornalismo esportivo egípcio e comparados ao Brasil.

Para que o trabalho não se tornasse de impossível realização – devido à enormidade de exemplos entre canais esportivos e programas de TV – um canal será utilizado na análise – “Dream TV” – com um de seus programas principais – “Esporte hoje” – livre tradução para o português.

Vale ressaltar que o programa tem seu nome em árabe – “El Reyada El Youm” – e em inglês – “Sport today” –, enquanto o canal tem seu nome apenas em inglês².

A comparação será baseada no que ensina o livro “Manual do Jornalismo Esportivo” – de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel.

Poucos são os trabalhos realizados nas grandes universidades sobre jornalismo esportivo. O número tem aumentado consideravelmente, pois nova visão desta área do jornalismo vem sendo propagada. Alguns jornalistas, como o apresentador esportivo do Fantástico³ – Tadeu Schmidt⁴ –, deram um ar de *glamour* à profissão conquistando a fama por meio de matérias divertidas e alegres. O *status* de estrela ronda o jornalista esportivo e isto tem levado muitos jovens a sonhar com a profissão.

Ainda que o jornalista esportivo tenha ganhado mais espaço hoje, o preconceito em relação à classe diminuiu, mas não acabou. Há os que pensam não se tratar de jornalismo, mas de puro entretenimento e que, por esta razão, não está comprometido com a verdade e tampouco com a ética. Que jornalismo esportivo nada mais é do que um *show* à parte. Pura diversão tanto para quem faz, quanto para quem assiste. Esta visão é reforçada pelo fato de que alguns apresentadores – jornalistas ou não – têm feito do esporte um *show*, no qual o dinheiro vindo de propagandas é o que importa e, para conseguir-lo, vale tudo na busca da grande audiência.

2 O inglês é a segunda língua no Egito. Muitos programas são produzidos em inglês e muitos canais têm seus nomes e os de seus programas também em inglês. As pessoas falam inglês normalmente pelos cafés (são comuns pontos de encontros na capital, Cairo) – o inglês é ensinado nas escolas particulares desde a infância.

3 Programa de domingo da Rede Globo de Televisão que se apresenta como uma espécie de revista eletrônica.

4 Tadeu Schmidt é irmão do jogador de basquete, Oscar. Começou sua carreira jornalística em Brasília após abandonar o vôlei. Deixou a filial da Globo de Brasília em 2000. Trabalhou nos programas Globo Esporte, Bom Dia Brasil e Espaço Aberto, da Globo News. Hoje é apresentador do Fantástico.

Muitos ainda veem o jornalista esportivo como alguém que não teve competência para seguir por outra área, infelizmente. Este trabalho pode abrir novos horizontes para mentes retrógradas que ainda pensam ser o jornalismo esportivo algo sem importância. Ainda que ele possa trazer exemplos negativos da prática jornalística, tais exemplos devem levar à melhoria de qualidade dos programas esportivos em geral. Afinal, o jornalista que chega hoje às redações esportivas do país são muito mais bem preparados dos que os de antigamente – são formados em universidades, falam – no mínimo – outra língua, conhecem como utilizar as novas tecnologias e têm muitas informações sobre esportes – quando não as têm, sabem onde encontrá-las.

Analisar a cobertura jornalística esportiva feita por outro país, com semelhanças e diferenças, enriquece por trazer outra visão – vinda de um país que não é o país do futebol, mas que demonstra muito amor e respeito ao esporte, dedicando boa parte de sua programação televisiva para tratar do tema.

2. O PAÍS

Com o nome oficial de República Árabe do Egito, o país fica no Norte da África, tem fronteira com a Líbia – a Oeste –, com o Sudão – ao Sul – e com a Faixa de Gaza e Israel – a Leste. A Península do Sinai faz parte do Egito, o transformando em um país transcontinental. É banhado pelo Mar Mediterrâneo e pelo Mar Vermelho.

No Egito⁵, passado e futuro convivem em harmonia. Sua extensão territorial é de cerca de 1 001 450 km². É o 29º maior país do mundo. Seu tamanho é comparado ao tamanho do estado do Mato Grosso – um pouco maior – e equivale a duas vezes o território da França.

Dois desertos fazem parte do Egito – do Saara e da Líbia. Além da capital – Cairo – outras cidades têm muita importância histórica, turística, econômica e política no país – Alexandria, Almançora, Assuão, El- Mahalla Assiut, Gizé, Hurghada, Luxor, Kom Ombo, Port afaga, Port Said, Sharm el Sheikh, Shubra El- Khema, Suez. Zagazig. É um dos países mais populosos da África – aproximadamente 81 milhões de habitantes (dados de 2008). Metade da população vive nos grandes centros que foram crescendo à do beira Nilo – grande parte do Deserto do Saara não é habitável.

A economia egípcia baseia-se no turismo, agricultura – é o maior produtor e exportador de algodão do mundo – e exportação de petróleo. O turismo é o que move a capital – devido à grande visitação das pirâmides. Por isto, Cairo é uma das cidades árabes mais abertas às regras ocidentais. Podem ser vistos andando tranquilamente pelas ruas turistas com roupas abertas – vestimentas não utilizadas pelos muçulmanos, que são maioria no país. Os nativos não se incomodam com os turistas por que têm conhecimento de que são eles a maior fonte de renda do país – os canais egípcios apresentam muitas propagandas ensinando o povo a receber bem o turista, afirmando a importância econômica da prática para o país.

⁵ O Egito é uma república governada pela Constituição de 11 de setembro de 1971. Esta Constituição estabelece no Egito um estado socialista cuja religião oficial é o Islam. O chefe de estado é o presidente da República, cargo ocupado por Hosni Mubarak desde 14 de outubro de 1981. O presidente é eleito para um mandato de seis anos. Até maio de 2005 o presidente era nomeado pela Assembléia Popular, sendo a nomeação validada por um referendo nacional, mas uma emenda constitucional permitiu a eleição do presidente por meio de eleições diretas com vários candidatos. No dia 7 de setembro de 2005 foi realizada a primeira eleição presidencial da história do país, na qual concorreram dez candidatos, entre eles Hosni Mubarak, que se consagrou como vencedor com 88.6% dos votos. As próximas eleições presidenciais estão marcadas para 2011. O poder legislativo é exercido pela Assembléia Popular, parlamento unicameral composto por 454 membros. Destes, 444 são eleitos por voto popular para um mandato de cinco anos; os restantes 10 são nomeados pelo presidente da República. A Assembléia Popular tem entre as suas funções aprovar o orçamento, fixar os impostos e validar os programas de governo. Além da Assembléia, existe um Conselho de Assessoria composto por 264 membros, 176 dos quais eleitos pelo voto popular e 88 nomeados pelo presidente. O Egito foi o primeiro país árabe a estabelecer a paz com Israel depois da assinatura dos acordos de “Camp David.” (WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Egipto&oldid=7780839>>. Acesso em: 9 Out 2007)

Muitos egípcios deixam o país em busca de melhores condições de vida, visto que a pobreza e a má distribuição de renda são grandes. Os que continuam lá tentam fugir da má distribuição de renda e da falta de boas oportunidades de emprego. Os egípcios têm educação gratuita garantida pelo governo e isto faz com que muitos sejam formados em universidades e não tenham trabalho digno de sua formação.

Apesar de denominada república, o que se vê é uma “ditadura imposta e consentida” pelo menos pela maioria da população. A imprensa não tem muito a fazer porque grande parte dela é controlada pelo governo – a maioria das TVs abertas são estatais.

3. RELIGIÃO

A religião é a mola mestra do país. Tudo é envolvido e pautado pela religião. O Islam faz com que tudo seja baseado nele.

Com maioria muçulmana, o país tem toda a programação limitada pela religião – os filmes que contêm cenas de sexo, nudismo, drogas têm tais cenas censuradas. Os programas são interrompidos pela hora da oração. As mulheres não aparecem semi-nuas na TV e algumas até se apresentam usando o hijab⁶, já que para os muçulmanos a mulher não deve mostrar os cabelos para outro que não seja o seu marido.

A exceção está na música – são muitos os canais especiais de música com exibição de clipes de cantores árabes. Na maioria destes clipes, os cantores e cantoras abusam da sensualidade, raramente aparecem mulheres com véu e ocorrem muitas insinuações de beijos – o beijo na boca não costuma aparecer na TV egípcia.

Por causa destes clipes, muitos muçulmanos – os mais radicais – não assistem a determinados canais e proibem os filhos de fazê-lo.

Existem cantores que são considerados “corretos” pelos muçulmanos mais radicais e, nos clipes destes cantores, não aparecem cenas consideradas “haram” – pecado em árabe – por eles.

Muitos também são os que gravam músicas com fundo religioso – sempre exaltando o Islam e o profeta Mohamed⁷.

O futebol também é tema de várias canções e alguns cantores declaram seu amor por Ahly ou Zamalek – os times mais citados por todos no Egito por serem “arqui-rivais” e por serem as duas maiores equipes do país.

Alguns artistas preferem não dizer qual o time do coração por temerem não mais ter seus produtos consumidos por torcedores do time rival – o que fatalmente ocorrerá devido à paixão que envolve o esporte.

⁶ Hijab (حجاب) em árabe significa “cobrir”, “proteger” e é o nome dado ao acessório de tecido usado pelas mulheres muçulmanas para cobrir os cabelos não permitindo que outras pessoas, que não os parentes ou o marido, possam ver seus cabelos.

⁷ Muitas são as pronúncias e as formas de escrever o nome do profeta – Muhammad (Maomé) ou Mohammed (em árabe: مُحَمَّد). O que não muda, para os muçulmanos, é a forma como o vêem. Para eles, Mohammed foi um líder árabe – religioso e político. Segundo a religião islâmica, Muhammad é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão e foi precedido em seu papel de profeta por Jesus, Moisés, Davi, Jacob, Isaac, Ismael e Abraão. Como figura política, ele unificou várias tribos árabes, o que permitiu as conquistas daquilo que viria a ser um império islâmico que se estendeu até a Europa (incluindo Portugal). Os muçulmanos não o consideram um ser divino, mas sim um ser humano – o mais perfeito entre os seres humanos.

No que tange às mulheres, o Islam limita a participação delas na cobertura do futebol. Vemos algumas poucas jornalistas na área esportiva, mas o preconceito⁸ impede maior participação feminina. Trabalhar com futebol é, para os muçulmanos, estar em ambiente masculino – o que não é bem visto por eles.

Além disto, as mulheres são criadas de forma bem diferente dos homens e a grande maioria não gosta de futebol.

Ainda que o Islam tenha maioria no Egito, existem muitos cristãos⁹ e eles convivem com muçulmanos em plena harmonia.

Ao contrário do que se imagina, o Islam – pelo menos no Egito – ensina a respeitar o outro e sua religião. O povo egípcio é extremamente respeitoso e não há discriminação por ser ou não muçulmano. A única coisa vista como ruim é não ter religião. Para eles, a religião e a família são o que há de mais importante e os que não têm religião sempre são ignorados, mas não discriminados.

As crianças aprendem o Islam em escolas especiais. Existem escolas para muçulmanos e escolas para cristãos. O homem, principalmente, deve aprender a ser bom muçulmano desde pequeno.

Podemos ver meninas usando hijab pelas ruas – o que não é maioria porque os pais menos radicais não o colocam em suas filhas antes da adolescência.

O Islam se torna algo ainda mais forte em tempo de Ramadan¹⁰. Os canais têm programação especial para este mês de festa e a rotina muda completamente – os muçulmanos jejuam do nascer ao pôr do sol. No momento do desjejum – iftar (árabe: راطفإ) – , os canais param sua programação e exibem cliques musicais religiosos ou apenas o

⁸ Alguns trabalhos no Egito vão rotular a mulher como prostituta. É o caso da mulher que trabalha como bailarina do ventre. O que no Brasil seria visto como algo sensual e bonito, no Egito é visto como trabalho destinado a mulheres que não respeitam seus maridos e que se expõem de forma a contrariar o que o Islam ensina.

⁹ De acordo com dados do governo, 90% dos egípcios são muçulmanos sunitas, 1% , muçulmanos xiitas e 8%, cristãos. A população cristã egípcia habita sobretudo no sul do país e nas cidades do Cairo e de Alexandria. A maioria destes cristãos pertencem à Igreja Ortodoxa Copta. Outras comunidades cristãs presentes no país são a armênia apostólica, a católica, a grega ortodoxa e a síria ortodoxa. Os protestantes incluem dezesseis denominações. As Testemunhas de Jeová e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, embora presentes no território, não são reconhecidas pelo Estado.

¹⁰ É o mês sagrado para o muçulmano. Ramadão, Ramadã ou, ainda, Ramadan é o nono mês do calendário islâmico. Neste mês, os muçulmanos praticam, jejum do nascer ao pôr do sol (saum, صوم). Este jejum é o quarto dos cinco pilares do Islam (arkan al-Islam).

Alcorão¹¹. Neste período os campeonatos de futebol param e não há programas de esporte na TV aberta.

O trabalho fica limitado em seu horário – a maioria dos trabalhadores é liberada após as 16h para ir para suas casas fazer o desjejum em família. Ainda assim, se vêem pessoas fazendo isto com amigos pelos cafés egípcios.

Muitos também são os hotéis que oferecem o desjejum e convidam pessoas que trabalhem com turismo para ceias especiais de Ramadan.

Neste tempo – do nascer ao pôr do sol – , o muçulmano não pode fazer uso de bebida alcoólica , drogas, cigarro; não pode tocar uma mulher – seja ela sua esposa ou não – e deve se manter em oração, lendo o Alcorão e, sempre que possível, indo às mesquitas¹². Além de praticar a caridade e a fraternidade mais intensamente. O jejum é obrigatório a todos os muçulmanos – iniciando na puberdade – com exceção dos idosos, mulheres grávidas, amamentando ou menstruando e os doentes, principalmente os que tenham enfermidade incurável.

“No Ramadan o muçulmano deve sentir – com o jejum – o que sentem os pobres durante toda sua vida para se aproximarem mais de Deus” (Wael Selim)¹³.

¹¹O Alcorão ou Corão (em árabe قُرْآن) é o livro sagrado do Islam. Os muçulmanos pensam ser o Alcorão a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Muhammad (Maomé) ao longo de um período de 22 anos. A palavra Alcorão deriva do verbo árabe que significa ler ou recitar. O Alcorão é, portanto, recitado pelos muçulmanos. É um dos livros mais lidos e publicados no mundo, sendo que os muçulmanos não o vendem, o dão como presente.

¹²Uma mesquita (em árabe: مسجد) é um local de culto para os seguidores do Islam. Os muçulmanos freqüentemente referem-se à mesquita utilizando o seu nome em árabe – masjid (plural: masajid). A palavra masjid significa templo ou local de culto e deriva da raiz árabe sajada (raiz s–j–d, "prostrar-se", em alusão às prostrações realizadas durante as orações islâmicas). A palavra mesquita é usada para se referir a todos os tipos de edifícios dedicados ao culto muçulmano, embora em árabe seja feita uma distinção entre as mesquitas de dimensões menores e as mesquitas de maior dimensão, que possuem estruturas sociais. Estas últimas são denominadas como "masjid jami". WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mesquita&oldid=15114929>>. Acesso em: 4 maio 2009

¹³ Informação verbal obtida em 20 de abril de 2008, através de entrevista com Wael Mohamed Selim, egípcio, trinta e três anos, empresário do ramo de turismo internacional.

4. COMUNICAÇÃO

Em relação ao Brasil, a comunicação no Egito ainda é bastante atrasada. Os cantores ainda gravam fitas cassetes – o CD é algo caro e inacessível a algumas pessoas. Os canais de TV não têm a mesma qualidade visual que os brasileiros – as tecnologias empregadas ainda são muito antigas e os profissionais destreinados. O controle dos meios de comunicação feito pelo governo egípcio faz com que eles não tenham muitos investidores e, por esta razão, não se atualizam. Os que ainda investem em novas tecnologias, não conseguem o retorno financeiro esperado e desistem de atualizações tecnológicas. Muitos afirmam que os egípcios têm maneira peculiar de se comunicar devido à demanda de seus espectadores. Para estes, o povo egípcio se preocupa com a informação e não com a forma como ela é transmitida.

O cinema tem espaço enorme no país. As produções cinematográficas são abundantes mas os filmes produzidos, na maioria das vezes, têm roteiros que agradam apenas a egípcios pois são centrados em questões muito particulares deles. A maioria dos filmes lançados pelos egípcios são do gênero “comédia”. Os cinemas ficam cheios quando há lançamentos de filmes egípcios e alguns canais particulares baseiam sua programação em produções egípcias, pois elas já são feitas de acordo com a normas do governo e do Islam. A censura religiosa e política permite cortes em filmes passados nas TVs quando eles apresentam cenas de sexo ou uso de palavras que remetam a ele, uso de drogas ou diálogos que o representem, nudez e grande violência.

Grande parte dos egípcios foge desta “censura” instalando antenas para satélites em suas casas. Com estas antenas, muitos canais via satélite podem ser sintonizados – canais italianos, europeus, iraquianos, espanhóis...só não sendo possível sintonizar canais latinos de graça . A Rede Globo pode ser sintonizada por meio de assinatura.

Por ser um povo muito falante e ativo, a comunicação no Egito é muito participativa. Os egípcios adoram programas nos quais a participação por telefone ou mensagens via celular é possível. Desta forma, a maioria dos programas abre espaço para este tipo de participação. Uma forma de interatividade pouco utilizada no país é o e-mail. Também não são muito apreciadas as mensagens enviadas via página na Internet.

4.1 UM POUCO DE HISTÓRIA...

O então presidente Gamal Abdel Nasser decidiu começar a criação da TV no Egito bem antes de 1959 – ano em que o contrato com a empresa “Radio Corporation de América”

foi assinado –, mas a invasão britânico– francesa e israelita do canal de Suez fez com que o início se desse apenas em 1959 .

O contrato assinado entre o Egito e a Rádio Corporation dava à empresa o direito de abrir uma rede da televisão.

Em 21 de julho de 1960, terminada a construção do centro de rádio e televisão, acontece a primeira transmissão egípcia de televisão.

Já em 13 de agosto de 1970, novo decreto estabeleceu a criação da “União Egípcia de Rádio e Televisão” (ERTU) e criou quatro setores distintos: rádio, televisão, engenharia e finanças.

Cada um deles tinha um presidente que relatava diretamente ao ministro da Informação todos os acontecimentos e submetia toda a programação à sua autorização.

Após a guerra de 1973, as transmissões no formato colorido chegaram ao país sob o sistema SECAM¹⁴.

Somente em 1992 a transmissão de TV no Egito mudou de SECAM a PAL¹⁵.

O país contava com dois canais centrais – canais 1 e 2 – e seis canais locais, sendo que cada um destes tinha serviços especializados para determinada região. O “Canal 3” transmitia a partir do Cairo e cobria os maiores distritos do Cairo, isto é, Al Qahirah, Al Jizah e Al Qalyubiyah. O “Canal 4” transmitia de Ismailia e cobria partes do canal de Suez, isto é Al Isma'ilyah, Suways e Sa'id. O “Canal 5” transmitia de Alexandria e cobria o Al Iskandariyah, o Al Buhayrah e algumas partes de Matruh. O “Canal 6” transmitia de Tanta e cobria partes centrais do delta cinza Shaykh e Dimyat, Al Gharbiyah, Al Minufiyah, Daqahliyah e Kafr. O “Canal 7” transmitia dos governos superiores do Norte da cidade de Minya, Al Fayyum, Bani Suwayf e Assuit e o “Canal 8” transmitia de Aswan e cobria os governos superiores do Sul do Egito – Suhaj, Qina, al Uqsur e Aswan.

No dia 28 de abril de 1998 o primeiro satélite egípcio – Nilesat – foi lançado. O satélite servia aos canais de TV, à informação e à transmissão multi– mídia. Ele inclui 12 transponders digitais – cada um com capacidade para transmitir tanto para canais de TV quanto para rádio.

A transmissão do Nilesat cobre o Egito, os países árabes e algumas partes de países como Turquia, Irã, alguns países do Mediterrâneo e alguns africanos.

¹⁴ SECAM (Séquentiel Couleur avec Mémoire) em português significa "cor sequencial com memória". Trata-se de sistema de cor analógico usado pela primeira vez na França, que foi inventado por Henri de France.

¹⁵ PAL (Phase Alternating Line) é uma forma de codificação de cor utilizada nos sistemas de transmissão televisiva. Tradução para o português: Linha de Fase Alternante.

A transmissão do segundo satélite egípcio – Nilesat 102 – aconteceu em 17 de agosto de 2000. Sua função é fornecer canais adicionais.

Um acordo entre as empresas Nilesat e o Eutelsat, em setembro de 2005, permitiu a utilização egípcia do satélite “Hot bird 4” – de propriedade da Eutelsat . “Hot bird 4” foi reposicionado a 7 graus ocidental e rebatizado de “Nilesat 103”. Ele também serve a canais adicionais. Em 2006 foram lançados mais dois satélites da Eutelsat – “Hot bird 7A” e “Hot bird 8”.

O lançamento destes satélites permitiu a criação de muitos canais especializados – canais de música, esportes, notícias etc. – e, em especial, da “Rede Nile de TV”, que inclui canais de filmes e séries de TV, um canal de variedades, um canal de cultura, um canal para a família, um canal de notícias – que tem sua programação em inglês –, um outro canal de notícias – que tem sua programação em francês – e muitos canais educativos com programação seccionada – cada um deles destinados a uma faixa etária ou a um público específico (educação preliminar, preparatória, secundária e de língua).

Vale ressaltar que todos os canais criados com o lançamentos destes satélites são controlados pelo governo.

Desde seu início, a televisão egípcia é considerada a voz do governo egípcio e de seu partido. Os representantes da “União Egípcia de Rádio e Televisão” e os presidentes do setor de televisão são apontados pelo ministro da Informação. E isto não mudou com o tempo. Atualmente, os canais centrais – 1 e 2 –, os canais egípcios via satélite e a “Rede Nile” estão sob a supervisão direta do governo.

Os canais privados têm “liberdade limitada”. De acordo com estudo realizado pelo “Instituto do Cairo para Direitos Humanos (CIRS)”, durante as últimas eleições presidenciais os canais particulares dedicaram uma hora mais de campanha para o então presidente, Mubarak , que o tempo dedicado aos outros nove candidatos . Outro exemplo da intervenção do governo nos canais particulares seria a proibição feita ao famoso jornalista egípcio Mohamed Hassanein Heikal de aparecer na TV “Dream”. O canal havia transmitido um programa no qual Heikal falava de um texto que utilizava em suas aulas na “Universidade Americana do Cairo”. No texto, o jornalista comentava as suspeitas de favorecimento que cercam as eleições presidenciais no Egito. Esta foi a última que ele apareceu na TV egípcia.

4.2 ATUALIDADE

Com uma liberdade de imprensa um pouco maior mas ainda limitada, os canais são “vigiados” e devem seguir as regulamentações governamentais – ainda que elas não sejam explícitas. A Internet é o veículo de comunicação mais utilizado pelas pessoas que discordem do governo, por causa da falsa idéia de anonimato – ainda há os que acreditam ser impossível localizar o autor de determinadas páginas na Internet.

E esta crença no anonimato já levou muitos para a prisão. Abdul Karim Suleiman, um egípcio de 22 anos, fez, em seu blog¹⁶, críticas ao Islam e ao governo do presidente egípcio – Hosni Mubarak. Foi descoberto, julgado e condenado a 4 anos de prisão.

Em Janeiro de 2007, outro jovem egípcio – estudante de Direito – foi preso em Alexandria por ter publicado na Internet textos considerados difamatórios por autoridades egípcias.

A Anistia internacional tem divulgado comentários nos quais afirma que estes episódios são golpe violento contra a liberdade de expressão no Egito, mas isto não tem feito com que nada mude. Os que insistirem em não seguir as recomendações do governo sofrerão retaliações.

Pouco se comenta isto, mas é possível conhecer, observando sua programação, quais canais temem mais o governo. São poucos os canais que colocam no ar programas que critiquem o governo. Eles até existem mas, na maioria das vezes, são programas “bancados” por particulares e a emissora deixa claro que não tem responsabilidade sobre eles.

¹⁶ A palavra “blog vem da contração de “Web log”. Trata-se de uma página na Internet de atualização fácil e rápida através da colocação de artigos. É usado por muitos para divulgar idéias ou como diário virtual.

5. O CANAL DREAM

“Dream” foi o primeiro canal particular criado no Egito. Ele teve sua estréia em 2 de novembro de 2001. O proprietário do canal é o empresário egípcio Ahmed Bahgat.



Figura 1 – Logotipo do canal Dream.

Em 2002, surgiu outro canal particular – “EL-Mehwer” – que tem como proprietários Hassan Rateb e a “União Egípcia de Rádio e Televisão”, mas o canal “Dream” continuou sendo o mais famoso e polêmico

canal particular até hoje.

A programação do Dream é voltada para o público interno – Egito –, o que não a impede de apresentar bons telejornais com notícias nacionais e internacionais.

O “Dream” se divide em “Dream 1” – com programas de moda, cinema, clipes musicais, esportes, entretenimento, culinária etc. – e “Dream 2” – Onde são exibidos programas com discussões sobre assuntos de interesse dos egípcios – Islam, ciência, comportamento e educação. É totalmente voltado para o público egípcio.

5.1 A PROGRAMAÇÃO ESPORTIVA DO DREAM

O “Dream” tem dois programas esportivos em sua grade de programação – “El Reyada El Youm” (“Sport today”) e “El kora ma’a Dream” (“Football with Dream”). Os dois programas são apresentados por ex-jogadores de futebol. No Egito, isto é muito comum. Ex-jogadores são muito apreciados pelos telespectadores egípcios.

O programa “Sport today” – “Esporte hoje” – é muito parecido, em sua forma, com o programa “Football with Dream” – “Futebol com sonho” [tradução nossa]. A maior diferença entre eles está no uso excessivo do marketing. “Futebol com sonho” tem o patrocínio exclusivo da Pepsi e seu cenário é todo feito com logotipos dela. A mesa do apresentador – Mustafa Abou – tem o formato do símbolo da empresa. Mustafa é doutor em jornalismo e, ainda assim, não se preocupa com a poluição visual causada por tanta alusão a Pepsi em seu cenário.

A audiência de “Esporte hoje”, em dias normais sem exibição de jogos “ao vivo”, é maior que a de “Futebol com sonho”. A explicação para isto é que Mustafá não é tão querido pelo público. Ele não é carismático e seu programa não é muito divertido. Ele passa as informações e opiniões de forma muito seca e corrida. Os textos são grandes e o apresentador fala muito durante grande parte do tempo sem o uso de diálogo com os comentaristas.

“Esporte hoje” é o grande “xodó” dos diretores do canal e eles não fazem questão de esconder isto. O programa vai ao ar mais vezes que “Futebol com sonho” – este é exibido apenas uma vez por semana – e, na página do Dream, tem menos espaço – não há um espaço com o resumo do programa, ele apenas consta na grade de programação.

5.2 PROGRAMA “EL REYADA EL YOUM” (“SPORT TODAY”)

Na página do canal “Dream”, um resumo do programa – figura 2 – aparece em árabe:

“Esporte Hoje”
 As últimas notícias do esporte.
 O primeiro a dar as notícias com muita coragem!
 Entrevistas com jogadores.
 Isenção total!
 Tudo isto com a estrela do Egito, Khaled El Ghandour!
 De sábado a quarta– feira às 18h. Reprises às 23:30h.
 E, na quinta– feira, às 23:30h, um resumo do que aconteceu durante a semana no esporte. [tradução nossa]



Figura 2 – Página do Canal Dream com resumo do programa “Esporte hoje”

jornalismo.

No nome – “Esporte hoje” –, uma incoerência: ele levaria a crer que se trata de um programa que aborda todos os esportes, mas isto não é o que acontece sempre.

O assunto tratado na maioria deles é o futebol. Algumas vezes, são dados resultados de outros esportes, principalmente o Handebol – que tem muitos simpatizantes no país devido à boa equipe egípcia, ganhadora de alguns títulos africanos.

¹⁷ Khaled el Gandhor foi o jogador que mais conquistou títulos pelo time do Zamelek – 4 Ligas Egípcias, 2 Copas Egípcias, 2 Super Copas Egípcias, 3 Liga dos Campeões Africana, 1 Copa dos Campeões Africana, 3 Super Copas Africanas, 1 Copa Afro-Asiática. Participou de uma Olimpíada em 1992. Deixou o futebol em 2003 e tornou– se apresentador de TV.



Figura 3 – Khaled em close apresentando o programa.

A verdade é que não são dedicados mais do que dez minutos por programa a algo diferente do futebol. A produção do programa culpa o baixo número de notícias em outros esportes no Egito e a falta de interesse da maioria dos telespectadores nestas competições.

O cenário é bem simples:

Uma mesa em meia lua, o apresentador no centro, um comentarista do lado esquerdo e o convidado do lado direito.

Ao lado do apresentador, uma tela fina onde irão passar aleatoriamente o logotipo em movimento do programa e os produtos dos patrocinadores. Durante os closes no apresentador, o logotipo do programa fica sendo exibido. Neste momento, não são veiculadas propagandas para não desviar a atenção do telespectador.

Os comentaristas não são fixos – são escolhidos entre ex-jogadores e pessoas ligadas ao futebol local. A cada programa um comentarista diferente. Eles até se repetem nos programas em que não haverá transmissão de partida de futebol “ao vivo” – nestes dias, serão personalidades ligadas às equipes que estiverem atuando no jogo transmitido.

Os convidados são sempre jogadores das principais equipes que participaram da última rodada do campeonato que estiver acontecendo na época (Egípcio, Africano etc.).

A participação do telespectador é muito privilegiada e acontece por telefone, e-mail e SMS (mensagens de texto enviadas pelo celular) que, durante o programa, vão passando na parte inferior da tela.

As ligações telefônicas são atendidas ao vivo e se transformam em bate-papo demorado e cansativo e a pauta é quase sempre local, variando quando se trata de notícias de jogadores egípcios que atuam em outros países.

Há um repórter que acompanha os jogos e traz matérias durante o programa e um comentarista que fica em outro estúdio e é chamado para opinar sobre resultados e situações mais polêmicas ocorridas nas partidas da última rodada. A equipe do programa conta ainda com dois produtores e um diretor.

As matérias não são muito elaboradas – são sempre entrevistas com jogadores ou envolvidos na partida de futebol que acaba de terminar ou matérias com muita música e imagens e sem muito off¹⁸.

O clima é de total descontração com linguagem coloquial e ambiente nada formal. Formalidade é um assunto que deixa o apresentador nervoso. Ele diz que esporte e formalidades não combinam. Para ele, simplicidade e “estar à vontade” são itens indispensáveis num ambiente esportivo.

O estrelismo do apresentador fica claro no resumo do programa colocado na página do Canal Dream e nas chamadas veiculadas durante os intervalos da programação. Khaled é tratado no Dream como a “estrela do Egito” e o público gosta disto.

Suas participações em filmes são cada vez mais comuns e propiciam certeza de maior audiência.

Existem muitas comunidades de fãs dele no Egito – físicas ou virtuais. Khaled é querido por todos e muito respeitado, até pelos torcedores rivais do Zamelek – sabidamente o seu time do coração.

¹⁸ Texto gravado na voz do repórter que guia a reportagem ou termo usado para definir uma informação dada com os aparelhos de gravação desligados.

6. A COMPARAÇÃO

Durante um ano – 2007 – o programa “Esporte hoje” foi objeto de pesquisa para este trabalho. A análise e a comparação com alguns programas brasileiros – principalmente o programa “Globo Esporte” da Rede Globo de Televisão – estão baseadas nos ensinamentos do livro “Manual do Jornalismo Esportivo”.

O programa egípcio tem uma particularidade que obrigou à análise mútua das transmissões das partidas de futebol – ele acontece concomitantemente com elas. No Brasil, não existem programas com este formato. Por esta razão, analisaremos as transmissões de futebol “ao vivo” feitas pela Rede Globo de Televisão .

A comparação visa descobrir, analisando as coberturas esportivas de futebol egípcia e brasileira, diferenças e semelhanças que possam existir entre elas. As diferenças culturais também são observadas nesta análise pois influem diretamente no comportamento dos profissionais da área e do público espectador.

6.1 O APRESENTADOR

Khaled El Ghandour é o carisma em pessoa. cursou jornalismo após deixar o futebol, apresenta o programa “Esporte hoje” há 4 anos e, apesar disto, não tem uma postura jornalística. Ele faz do programa analisado um pequeno *show*. Como dissemos anteriormente, faz participações em filmes como ator – principalmente comédias – e isto o faz perder a credibilidade.

Mesmo assim, seu programa é um dos mais assistidos no Egito, o que deve-se aos convidados que leva, às informações em primeira mão e à falta de opções com conteúdo melhor nos canais egípcios – todos os programas seguem a mesma linha do “Esporte hoje” e o que faz a diferença entre eles são os convidados, as notícias em primeira mão e o peso que tem o canal.

O tratamento dado pelo apresentador e sua equipe ao programa é muito parecido com o que, aqui no Brasil, é dado às transmissões de rádio. Ele fala com telespectadores por telefone muitas vezes durante o programa, não há uma pauta definida e os recados e abraços pessoais aparecem o tempo todo – tanto por parte do apresentador, como por seus convidados.

Durante o programa, ele erra muitas vezes as frases, os nomes dos convidados, de jogadores que fizeram gols nas partidas, dos telespectadores que falam com ele por telefone e

pára cada vez que o diretor fala algo em seu ponto eletrônico¹⁹. Muitas vezes não podemos compreender o que é dito, pois todos falam ao mesmo tempo e o apresentador não os interrompe.

Celulares tocam durante as entrevistas e ele dá gargalhadas quando isto acontece.

Suas roupas são muito extravagantes e joviais demais – ele usa cores muito chamativas em camisas e, quando coloca terno, sempre dá a impressão de desleixo com a roupa desabotoada e amassada, a gravata frouxa e o cabelo dasalinhado. Sua dicção não é boa e ele gagueja bastante.

Um bom jornalista não deve fazer texto– foguete ou pequenos comerciais de dez segundos .(BARBEIRO; RANGEL,2006). Khaled faz isto muitas vezes durante o programa. Ele cita todos os patrocinadores e seus produtos num bate papo que não deixa claro o que é ou não marketing.

No Egito não há leis que regulamentam marketing na TV e nem um consenso sobre ele. Assim, cada apresentador o faz da maneira que entende estar melhor. Os programas egípcios misturam jornalismo com publicidade o tempo todo e, na maioria das vezes, é o apresentador que fala dos produtos.

Jornalista não é artista, mas isto não é importante para Khaled. Talvez pelo fato de ter sido jogador de futebol, ele viva o esporte e não tenha se desvencilhado da fama artística que obteve enquanto atleta.

Khaled age mais como jogador e artista do que como jornalista.

Isto é algo inerente àquele que não tem compromisso com a ética jornalística e, por esta razão, faz *merchandising* [grifo do autor], publicidade e até testemunhal sem qualquer problema de consciência ou interesse. (BARBEIRO; RANGEL,2006)

Pela forma com que conduz o programa, o apresentador se transforma em ídolo, estrela.

A alegria e descontração do programa “Esporte hoje” não são o que o fazem afastar– se do jornalismo. O motivo disto seria a falta de seriedade no tratamento das informações e o respeito às regras do jornalismo.

O sensacionalismo permeia os comentários do programa e as opiniões pessoais são muito comuns tanto por parte de Khaled,quanto por seus convidados.

¹⁹ Sistema de comunicação inventado por Mario Brasini que consiste em um pequeno aparelho de escuta colocado no ouvido do apresentador para que ele receba orientações do diretor durante a apresentação do programa.

Há muita especulação, principalmente em torno dos jogadores egípcios que atuam em times estrangeiros, sobre os estrangeiros que atuam no Egito e com os mais famosos das equipes maiores. Estas especulações são levadas até o final do programa quando, então, são negadas ou ditas como incertas. O artifício visa a audiência e a participação do público via SMS ou telefone – algo muito apreciado pelo público egípcio.

Isenção é algo que não existe para Khaled. Ele toma partido do Egito e de seus jogadores diante de questões internacionais que os envolvam. Fala abertamente sua opinião sobre jogos e seus participantes. Critica, especula, aconselha e compara sua atitude enquanto jogador com a de um jogador em questão.

Muitas fãs usam o telefone para fazer elogios à beleza do apresentador e este sorri, brinca – com pedidos de casamento e namoro – e arrasta o bate-papo pelo máximo de tempo possível.

O fato de ter sido jogador não garante muito conhecimento esportivo a Khaled. Ele demonstra domínio das regras do futebol, mas incerteza nos comentários sobre as normas dos campeonatos, história do esporte e de jogadores.

6.2 TEMPO

O programa dura duas horas e meia. Noventa por cento deste tempo é do apresentador falando – ou entrevistando – dentro do estúdio. Isto torna o programa cansativo e chato.

A falta de dinamismo de “Esporte hoje” tem como causa, de acordo com o apresentador, a demanda do público. Para ele, o programa poderia ser dividido em etapa, pois os telespectadores assistem a partes do programa e, quase nunca, ao todo. Isto também explicaria, segundo ele, a repetição de alguns assuntos na segunda metade do programa.

“Esporte hoje” não foge do trivial – treinos e jogos são a pauta sempre. Também não são apresentadas matérias muito elaboradas. O humor que alguns jornalistas esportivos brasileiros colocam em seus textos não é característico das reportagens deste programa. As entradas do repórter são rápidas e muito diretas – ele aparece com o entrevistado ao lado, faz a entrevista e chama o apresentador. A criatividade tão apreciada pelos autores de “Manual do Jornalismo Esportivo” não aparece no “Esporte hoje”. Em entrevistas feitas pelo repórter ao vivo – depois das partidas –, o apresentador faz perguntas ao entrevistado via *link*²⁰.

Quando acontecem jogos nos dias do programa, este é interrompido e volta duas vezes – uma no intervalo, quando o tema será o primeiro tempo do jogo, e outra no final da partida.

²⁰ Ligação. Nome dado no meio televisivo à ligação estúdio– rua, feita ao vivo.

6.3 FUTEBOL SHOW

“A emissora transmite os jogos como show. Quase nada anda errado. Quase não se nota que o estádio, cenário do evento, anda às moscas. Não se fala do gramado, do nível técnico, de nada. Tudo é absolutamente lindo” (COELHO, 2003, p.64)

O trecho do livro de Paulo Vinícios Coelho – Jornalismo Esportivo – não pode ilustrar uma transmissão de futebol feita por canais egípcios. As transmissões feitas pelo Dream – dentro do programa “Esporte hoje” – não se parecem em nada com um *show*.

Os erros são grotescos – alguns entrevistados deixam seus celulares ligados e estes tocam durante as entrevistas, as pessoas passam atrás do repórter e falam coisas que podem ser ouvidas – algumas chegam a cumprimentar e abraçar o entrevistado – , o locutor tosse muitas vezes durante a transmissão, as imagens do estádio vazio aparecem muito etc..

Os efeitos gráficos aparecem incompletos, ou “travam” ficando parados na tela. Não há nenhuma preocupação com a estética.

A idéia de que o mais importante é a informação seria bem vista se ela realmente fosse suficientemente passada, mas não é o que ocorre. O placar e o tempo do jogo na tela são tão pequenos que ficam confusos e o narrador não os anuncia de tempos em tempos, não há informação precisa e rápida das substituições ou de imprevistos ocorridos em campo e nem mesmo a escalação é colocada na tela antes do jogo – ela é rapidamente dita pelo narrador.

6.4 MARKETING

Marketing no Egito envolve muito o esporte. Nas ruas os outdoors com jogadores são a maioria – em 2007, muitos com a imagem do jogador brasileiro Ronaldinho ligada a uma empresa produtora de barbeadores podiam ser vistos na capital, Cairo. A figura 4 mostra uma campanha feita pela Pepsi²¹ em 2007 que tinha como estrela, a seleção Egípcia²². O excesso de marketing é um problema comum nos programas egípcios, mas isto não acontece no programa analisado.

²¹ A Divisão de bebidas PepsiCo faz trabalho de marketing poderoso no Egito e tem exclusividade em muitos hotéis, restaurantes e cafés. Muitos egípcios declaram preferir Pepsi a Coca Cola. PepsiCo é patrocinadora da seleção de futebol Egípcia.

²² Campanha publicitária da Pepsi no Ano de 2006 e 2007 que tinha a seleção egípcia como estrela principal. Na imagem, o técnico ao meio – Hassan Shahata – , Aboutrika – atacante ídolo no Ahly – à direita. A seu lado, Wael Gomaa. Do lado esquerdo, Barakat e Emad Meteab. Com exceção do técnico, que é treinador do Zamelek, todos os jogadores da foto, são do Ahly.



Figura 4 – Jogadores da seleção do Egito e do Ahly em campanha publicitária da Pepsi

Existem programas em canais egípcios que poderiam ser confundidos com especiais da Pepsi pois, além do cenário estar repleto de logotipos desta empresa, os intervalos têm, no mínimo, dois comerciais dela.

O erro de marketing de “Esporte hoje” aparece na forma em que ele é feito:

O apresentador não separa propaganda de informação e é ele mesmo quem fala dos produtos – algo considerado erro, em se tratando de um jornalista.

“Esporte hoje” tem um cenário livre de propagandas. O marketing aparece em pequenos textos ditos pelo apresentador, sem nenhuma mudança de cenário, apenas mostrando o produto e a empresa citados na tela que fica atrás dele.

No livro – Manual do Jornalismo Esportivo – os autores falam de repórteres que vestem camisas e/ou bonés de empresas ganhando algum dinheiro com isto. O artifício, reprovado pelos autores, não é bem visto pela maioria dos jornalistas egípcios e é proibido aos funcionários do canal Dream por seu diretor jornalístico.

6.5 COMPUTAÇÃO GRÁFICA

Os programas egípcios não utilizam muito a computação gráfica.

No programa analisado, ela só aparece nas mensagens SMS que vão passando na parte inferior da tela, na abertura e no logotipo do programa. Nas mensagens são colocados alguns desenhos – corações, lágrimas, núvens. O logotipo do programa não tem muito a ver com futebol, assunto principal do programa:



Figura 5 – Logotipo do programa.

Tem a forma de uma pessoa que salta e depois pára ao centro. Abaixo, o nome do programa em árabe.

Efeitos mais elaborados não existem no “Esporte hoje” e nem mesmo nas transmissões das partidas de futebol – nestas, apenas as bandeiras dos times e o resultado , juntamente com

o tempo, costumam aparecer como efeito. Percebe-se muita inferioridade nos efeitos gráficos utilizados nas TVs egípcias se comparados aos utilizados no Brasil.

6.6 REPORTAGENS

No programa “Esporte hoje” as reportagens são grandes – de cinco a dez minutos cada uma – mas sem muito conteúdo informativo. São carregadas de imagens e músicas e, na maioria das vezes, são colocadas como forma de comemoração pela vitória de um time. Nestes casos, são gravadas imagens de pessoas assistindo aos jogos nos cafés e depois comemorando pelas ruas.

As perguntas básicas do *o quê, quando, onde, como, quem e por quê* não são respondidas. Nas entrevistas, o repórter pergunta algo “condenado” pelo Manual do Jornalismo Esportivo – “‘o que você acha do jogo’ ou ‘como você está vendo o jogo’”.

O repórter não é a “estrela principal” do programa mas isto não o impede de ter algum “estrelismo”. Suas roupas são extremamente chamativas e sua maneira de falar demonstra muita vaidade. Ele corrige os entrevistados, fala muito mais do que eles, faz piadas sem graça e corta as respostas com risadas escandalosas. Seu comportamento não lembra em nada o conceituado como correto pelos autores do Manual. Ele ainda vai contra outros ensinamentos do livro como os que afirmam que “O repórter nunca deve privilegiar um ou outro competidor, mesmo sendo ele o favorito na disputa” – ele sempre deixa claro que prefere falar com os jogadores mais famosos e, como no Egito não é o assessor de imprensa, presidente e/ou o técnico do clube quem escolhe o atleta que irá falar, sempre serão os mesmo jogadores entrevistados, mesmo que um outro desconhecido tenha sido o “herói” da partida. “Não é função do repórter querer mudar comportamentos, dar lição de moral ou fazer qualquer julgamento sobre a vida privada dos atletas, dirigentes ou outros atores da reportagem” – sempre são feitos comentários sobre a vida pessoal dos atletas com conselhos e críticas ditos em alto e bom som pelo repórter. “o repórter esportivo deve sempre ter o regulamento do campeonato nas mãos para qualquer dúvida” – em seus comentários, ele mostra não ter informações precisas sobre as regras do campeonato.

A escassez de reportagens bem elaboradas e os vários erros apresentados devem-se ao fato de o repórter ser muito inexperiente, pouco criativo e despreparado. Um outro fator causador seria a forma como o jornalismo esportivo é feito no Egito – todos os programas privilegiam o bate-papo com convidados, atletas e com o público como forma de passar informações. As reportagens são algo de importância secundária.

O apresentador não acredita que seu programa necessite de boas matérias, pois afirma que “o que vale para o telespectador é a informação.”[tradução nossa]

Para alguns telespectadores, o programa passa a informação de forma truncada, arrastada, demorada :

Não tenho paciência para assistir ao programa todo. Vejo no começo os assuntos que vão falar e as primeiras informações. Depois desligo, troco de canal ou deixo ligado enquanto fico na Internet. Se escuto algo que me interessa, volto a assistir. Eles demoram muito numa coisa só. Só assisto a todo o programa quando meu time ganha algum campeonato. Quando isto acontece, vejo porque preciso saber o que vão falar da vitória e gosto de ver a raiva com que ficam os torcedores do Ahly “[tradução nossa] (Wael Selim)

6.7 EMOÇÃO

Esporte e emoção são inseparáveis?

No Egito, não.

Aqui no Brasil, as partidas são sempre narradas com muito entusiasmo. Os gols são “gritados” e carregados de sentimentos. A emoção foi, desde a entrada do futebol no Brasil, muito apreciada.

Nelson Rodrigues é um ícone nesta relação emoção– futebol. Em suas colunas esportivas, histórias se confundiam com realidade. Atletas eram reverenciados, endeuzados. A emoção colocada em seus textos transformava a partida em algo mágico e os jogadores em verdadeiros guerreiros. Foi ele quem deu a Pelé, em 1958, o título de “Rei” com um texto publicado após o jogo entre o time carioca América e o paulista Santos.

... O meu personagem anda em campo como uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir– se– a um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponham– no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor. O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: – a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola, e dribla um adversário, é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento (Nelson Rodrigues, Manchete Esportiva, 08/03/1958)

A emoção de Nelson foi sendo reduzida, mas não extinta. Deu lugar à objetividade e à veracidade que começaram a ser privilegiadas a partir dos anos 60. Naquela época, os jornais começaram a criar editoriais específicas para o esporte. Reportagens opinativas foram perdendo espaço e os editores queriam textos mais elaborados e informações mais apuradas.

Hoje o texto valorizado pelos brasileiros no meio do futebol é o que consiga ficar “na medida” – informação com uma pequena dose de emoção.

No Egito, os gols podem não ser percebidos por algum telespectador mais desatento ou serem duvidosos até que o narrador confirme que a bola realmente entrou. Não há o grito de gol como no Brasil e esta falta de emoção se estende aos programas de esporte.

No “Esporte hoje” as vitórias e derrotas são tratadas sem muita demonstração sentimental e, com exceção dos jogadores envolvidos nas partidas, ninguém demonstra muita euforia ou tristeza. A exceção, no caso das vitórias, aparece nas matéria comemorativas que são bem musicais e alegres.

Isto talvez seja reflexo da educação egípcia – familiar e escolar – que ensina a não demonstrar sentimentos em público – a lei proíbe abraços, beijos e carinhos em locais abertos e, mesmo em casa, estes carinhos não são feitos na frente de pessoas alheias à família.

Por esta razão, fica mais fácil para os egípcios cumprir uma determinação do livro no que diz respeito à emoção – “ O público quer que o jornalista informe pura e simplesmente. O jornalista não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor”. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.46).

Mas, por outro lado, fica impossível encaixar– se em outra: “Dizem que não se faz um bom jornalismo sem emoção. Concordamos.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.46)

Há torcedores que fazem questão da emoção quando falam de seus times. Para estes, assistir a este programa e às transmissões de partidas de futebol no Egito seria algo desesperador. Falta aos egípcios uma dose de sentimento no que tange ao jornalismo esportivo.

6.8 PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

O programa analisado não presta serviços. Nas transmissões de jogos de futebol e no “Esporte hoje” não são divulgadas informações como preço dos ingressos, locais de venda, horários dos jogos – com exceção dos que serão transmitidos pelo canal –, transporte, acidentes, caminhos alternativos para cada torcida e nem a capacidade de público para cada estádio.

Outras formas de prestação de serviço citadas no manual também não são levadas em consideração pelo “Esporte hoje”. Seriam elas: divulgar que os sanitários estão em boas condições de limpeza e funcionamento e em quantidades compatíveis com a capacidade de público, falar sobre os valores dos produtos alimentícios vendidos no local da partida – se

estão sendo vendidos a preços altos ou não – , saber se a norma de que para cada dez mil torcedores deve haver um médico, dois enfermeiros e uma ambulância está sendo respeitada, verificar se a entidade organizadora contratou um seguro de acidentes pessoais para cada torcedor, confirmar que, nos estádios com capacidade superior a vinte mil pessoas, há câmeras de vídeo espalhadas pelo local e instaladas junto às catracas para garantir a segurança e controlar a entrada e saída de torcedores, observar que a acessibilidade do torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida foi garantida e, finalmente, o jornalista esportivo deve conhecer bem o “Estatuto do torcedor” para verificar se ele está sendo respeitado. Muitos nem sabem da existência dele e perdem a chance de produzir boas matérias com um assunto pouco abordado.

6.9 A NARRAÇÃO

“Ainda hoje, por vezes, o ator principal do espetáculo é o narrador, e em torno dele gira a transmissão. Ele adquire mais importância do que o próprio jogo e permite apenas poucas e pobres intervenções do comentarista.” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p.67)

No Egito, o narrador não é o centro das atenções nas transmissões. Este papel é do apresentador do programa esportivo que irá ao ar no dia da transmissão – além do “Esporte hoje” existe outro programa esportivo, também apresentado por um ex– jogador de futebol.

Quando vai acontecer alguma partida, o programa analisado começa duas horas antes. E o apresentador vai comandando o “*show*”. Ele recebe convidados relacionados com as duas equipes – ex– jogadores, ex– técnicos, empresários, torcedores famosos etc. –, chama reportagens de jogos passados entre as equipes que jogarão(as tais comemorativas de vitórias) e, na hora em que o jogo começa, passa para o narrador.

Esta passagem é feita sem nenhuma conversa entre eles. Ele avisa que o jogo vai começar e o narrador entra já falando do jogo. Neste momento, há um efeito de computação gráfica com os nomes dos times que irão jogar, suas bandeiras e o jogo começa. Houve vezes em que o narrador entrou com cinco minutos de bola rolando em razão do atraso na finalização do comentário do apresentador.

O pré– jogo no Dream é com o programa esportivo e dentro do estúdio. Não há uma visão do estádio antes do jogo, nem uma conversa com o narrador ou com o público. Os cortes são bruscos, sem ligação. Após o jogo, o narrador se despede e chama o programa. A transmissão é cortada para o estúdio onde o apresentador fará comentários sobre o jogo e chamará o repórter para as entrevistas.

Desta forma, o narrador é um coadjuvante. Não há comentaristas. O narrador narra exatamente o que está vendo sem muitas “firulas” ou frases feitas.

Os lances duvidosos são repetidos mas não muito comentados. O narrador fala sempre que “na visão do juiz” o pênalti foi marcado ou que “na visão do bandeirinha” o impedimento aconteceu.

Não há efeitos gráficos para confirmar ou não a marcação como os que são utilizados nas transmissões de futebol da Rede Globo – linhas de impedimento colocadas por computação gráfica, os chamados “tira-teimas”; propagandas feitas com o uso de efeitos gráficos nas quais carros invadem o campo, balões sobrevoam estádios com a logomarca do produto ou a marca aparece no canto da tela.

O narrador sempre se isenta de comentários nos lances duvidosos e apenas relata o que acontece. Não se usam bordões nem marcas, o texto é seco e corrido. Muitas vezes até corrido demais – o narrador tem momentos de fala muito rápida com dificuldade de compreensão para o telespectador.

Não são passadas informações adicionais. Toda a escalação é dada no programa esportivo pelo apresentador que a comenta com os convidados. As substituições aparecem na tela em forma gráfica muito simplificada e o narrador apenas avisa que elas foram feitas.

Quando acontecem problemas na transmissão, ninguém comenta ou se desculpa. Ela continua como se nada tivesse ocorrido. No caso dos programas esportivos, diante de falha na participação “ao vivo” do repórter que está no estádio, o apresentador continua o assunto de onde parou e sequer diz o que houve. Se o problema de comunicação persiste, o repórter é retirado da tela e o programa continua com a participação dos comentaristas que vão falar sobre o jogo sem um comentário sobre a volta ou não do repórter.

Não existe preocupação estética com a narração – o narrador falha a voz muitas vezes, tosse, espirra e faz sons de pigarro. Tudo isto, sem pedido de desculpas ao telespectador.

6.10 LINGUAGEM

O futebol teve início na Inglaterra e, com ele, veio a maneira de “falar” futebol.

Em 1919, com a imprensa esportiva engatinhando, o Brasil conquistou o seu primeiro título internacional – foi campeão sul-americano em cima do Uruguai.

O jornal carioca “O Imparcial” publicou o seguinte:

Salve Footballers Brasileiros! Depois de uma peleja emocionante, os nossos Patrícios lograram, ontem, para o nosso país, a supremacia do football no

Campeonato Sul- Americano. A nossa inegável vitória de ontem sobre os Uruguaios pelo score de 1x0 (O Imparcial, 30 de maio de 1919)

A linguagem inicial do jornalismo esportivo foi baseada em termos britânicos – devido à origem do esporte. Até hoje, alguns torcedores mais antigos ainda utilizam estes termos no Brasil. No Egito alguns deles ainda são usados por ser o inglês a segunda língua do país.

Este outro exemplo, publicado no jornal carioca “A Rua”, traz mais termos em desuso no Brasil:

No "Stadium", como estava anunciado, realizou-se ontem, o 'training' de apuro dos 'scratchmen' brasileiros. (...) Os chilenos deram esta manhã, na rua Campos Salles, o seu "training" de apronto para o jogo de domingo (Jornal carioca A Rua, 8 de maio de 1919)

No Egito, os estádios são chamados de “Stadium” e os treinos também são chamados de “training”, mesmo quando a língua falada é o árabe. Os nomes dos estádios seguem esta linha – Cairo Stadium, Cairo's Military Academy Stadium.

Com o passar dos tempos, estes termos foram sendo substituídos – “stadium” se transformou em estádio, “training”, treino e “scratchment”, equipe de jogadores. Outros termos foram sendo aportuguesados – corner (escanteio ou córner), fault (falta), backs (zagueiros) e penalty (pênalti).

Hoje a linguagem do esporte tem uma forma unificada que sofre poucas mudanças. Alguns jornalistas vão colocando sua marca nela mas a base, continua a mesma. Os termos utilizados na linguagem do futebol são os mesmos em qualquer veículo – jornais, revistas, TV, Internet. O que vai fazer a diferença é a visão do jornalista, o “recorte” que ele fará daquela notícia.

6.11 DEMANDA DO PÚBLICO

Como dito anteriormente, existem dois grandes times no Egito – Ahly e Zamelek. São duas grandes torcidas rivais e o programa gira em torno disto.

O público alvo do programa são homens – poucas mulheres assumem gostar de futebol no Egito. Eles não têm o costume de fazer pesquisas para conhecer sua demanda de público e, por isto, generalizam muito.

Nos campeonatos, a impressão que se tem da torcida é de que são todos contra o Ahly – talvez por ser a equipe que consegue mais títulos, paga ótimos salário, tem bom estádio (Cairo Stadium), bom patrocínio e a maior torcida.

Como no Brasil, uma lei limita o número de estrangeiros nos times – é permitido no máximo 3 por equipe – e Ahly usa o número máximo há muito tempo. Estrangeiros são bem vindos, principalmente brasileiros. A fama do bom futebol no Brasil leva jogadores desconhecidos ao Egito, onde vão ter *status* de estrela, com ótimos salários e algumas regalias.

O Zamelek tem a segunda maior torcida, muita história, vários títulos mas, atualmente, não tem conquistado muitos campeonatos. Passa por fase ruim sem o abandono da torcida. O Ahly, não está em sua melhor fase, mas continua sendo o “campeão absoluto” dos campeonatos egípcios.

Estes dois times são sempre o assunto principal nos programas esportivos mesmo que não estejam bem nos campeonatos. E, sendo Khaled ex-jogador do Zamelek, os torcedores sempre fazem comentários provocativos que são respondidos por ele.

As torcidas participam muito do programa e esperam saber tudo o que acontece com seus times. A forma de interagir do público com o programa egípcio é muito diferente da forma brasileira – aqui não usamos telefone para participações ao vivo em programas esportivos e as mensagens via Internet são para fazer perguntas ou responder enquetes.

No Egito, a participação via Internet é utilizada para enviar mensagens que não são lidas pelo apresentador – elas vão passando na parte de baixo do vídeo automaticamente. Assim, os telespectadores as usam para mandar recados para pessoas queridas, para a torcida adversária ou para falar se gostam ou não do programa.

“Esporte hoje” é longo e parece ser dividido em quatro partes – abertura, meio de jogo, início do segundo tempo e finalização – e o público aprova isto, pois está acostumado a ver parte dos programas. Por esta razão o “Esporte hoje” repete os mesmos assuntos cada vez que volta de uma interrupção.

Os egípcios não têm muita paciência para ficar muito tempo na frente da TV. Por isto, eu assisto só a última parte do programa “Esporte hoje”. Chego do trabalho, vejo a outra metade do jogo e o final do programa. Gosto muito do Khaled apesar de ser torcedor do Ahly. Ele não foi bom jogador, mas é um apresentador muito bom. O programa dele fala sempre do meu time. [tradução nossa] (Waleed Medhat)²³.

²³ : Informação verbal obtida em doze de fevereiro de 2008 através de entrevista com Waleed S. Medhat, egípcio, trinta anos, diretor de exportação em uma empresa internacional de tapetes.

O depoimento de Waleed reforça o que foi dito anteriormente:

O programa é assistido por partes pelo público e a forma como ele foi formatado propicia isto. É clara a visão que Waleed tem de Khaled – para ele, o ex-jogador é um apresentador, um *show man*²⁴, não um jornalista. E é isto que o público que assiste o programa espera dele. Espera assistir a um espetáculo com informações esportivas que nem sempre serão dignas de muita credibilidade.

O leitor/espectador não quer entender o esporte, não quer aprofundar os saberes sobre os esportes. Ele quer apenas uma divulgação de factóides acerca dos jogadores, equipes, técnicos, dirigentes, autoridades, campeonatos, olimpíadas, copas etc. Só se quer ficar a par dos escores dos jogos e também (pra não dizer principalmente) ler “notícia” de esporte como quem lê matérias de fofocas de revistas da tevê, sobre a vida de seus ídolos, para, quem sabe, poder acompanhar as coberturas que priorizem picuinhas, conflitos na vida privada, escândalos... (MESSA, 2005, p.2)

O telespectador de “Esporte hoje” não tem maiores pretensões – quer apenas se divertir, assistindo a um *show* no qual ele ficará sabendo o resultado do jogo de que seu time participou, sua posição na tabela do campeonato, possíveis compras ou vendas de jogadores, troca de técnico e qualquer assunto que se relacione à sua equipe.

As especulações ou “picuinhas” são de interesse de grande parte deste público.

Muitos esperam conhecer como vive o jogador mais famoso do seu time, com quem está namorando ou, se está casado, como vive com sua família. E a vida dos ídolos do futebol rende muito assunto deste tipo. Eles namoram lindas mulheres, gostam de extravagâncias, têm carros caros e vistosos, casas que mais parecem castelos. Tudo o que povoa os sonhos de muitos telespectadores. Acompanhar a vida destes atletas faz com que algumas pessoas se sintam bem imaginando-se no lugar deles.

Muitos jogadores se envolvem em escândalos – como o caso do jogador brasileiro Ronaldo, que foi parar em uma delegacia por sair com travestis – e isto rende ainda mais audiência para os programas que se dedicam a este tipo de notícia.

Um programa de esportes não deveria tratar destes assuntos – vida pessoal do atleta – mas alguns se rendem a eles para conseguir mais espectadores e agradar a seus patrocinadores.

²⁴ Nos dicionários de estrangeirices significa apresentador. Palavra inglesa utilizada para representar, no Brasil, profissionais que realizam seu trabalho de forma espetacular.

“Esporte hoje” não se prende às fofocas, mas fala delas em pequenas notas sobre os jogadores mais famosos.

Parte do público rejeita a prática:

Não me interessa pela vida pessoal de Aboutrika. Se ele é bom ou mau é problema dele. O que me interessa é se ele está fazendo gols na minha equipe. A família dele é problema dele. Fico até irritado quando ligo a TV, e ao invés de estarem falando do meu time, estão falando do que Cristiano Ronaldo está vestindo. [tradução nossa] (informação verbal) (Waleed Medhat)

Acho muito ruim quando um programa de esporte fica cuidando da vida do jogador. Vejo que o jogador fica triste e, até irritado, com muita razão. Imagina se eu sou um jogador, faço gols para meu time, sou bom e todo mundo esquece isto e fica se preocupando com a minha namorada, minha família, se tenho dinheiro ou se troquei de carro. Não costumo assistir aos programas que fazem isto. Gosto do “Esporte hoje” por esta razão. Eles não ficam falando destas coisas. Falam de esporte e só. [tradução nossa] (informação verbal) (Wael Selim)

Wael é telespectador do “Esporte hoje” e, como pode ser visto em sua fala, não percebe que o programa também fala da vida pessoal dos atletas. Isto acontece pela divisão que o programa faz em sua exibição – cada telespectador acaba assistindo a partes do programa e não ao seu todo – e pela maneira como estas notícias de vida pessoal são colocadas. O apresentador não as fala em tom de fofoca. Ele as insere em notícias mais relacionadas ao futebol.

Uma nota sobre um carro novo comprado pelo jogador Barakat foi dita assim no programa exibido em 7 de abril de 2007:

“Barakat anda jogando muito bem ultimamente, anda não, voa em campo e nas ruas com a BMW que comprou. O Ahly está pagando bem e o jogador está fazendo por merecer.” (informação verbal) (KHALED EL GHANDOR, 2007)

Estes comentários vão sendo inseridos aleatoriamente e, muitas vezes, nem são percebidos pelo telespectador, mas alguns dos que os percebem gostam:

Eu gosto de saber do resultado do jogo, mas também quero saber se o meu ídolo é uma pessoa boa ou ruim. Gosto do Aboutrika por que ele é bom, segue os preceitos da religião e não gasta dinheiro com besteira. Fico feliz quando fico sabendo que um jogador respeita o Islam e fico triste se sei que outro não o faz. (informação verbal) [tradução nossa] (Mohamed Wagdy)²⁵

²⁵ Informação obtida através de entrevista com Mohamed Wagdy, egípcio, 35 anos, gerente de vendas em um Hotel no Egito.

Eu confesso que gosto de saber da vida dos jogadores. Quero saber o que eles fazem quando não estão jogando. A vida deles é muito boa. Fico me imaginando com o dinheiro deles, a casa deles e a fama deles. Assisto a tudo que traz informações do meu time, que é o Zamelek, mas quero saber também o que o Shikabala faz com o dinheiro que ganha. (informação verbal) [tradução nossa] (Ahmed Eissa)²⁶

Só vejo o programa por dois motivos: um se o meu irmão não me deixar ver outra coisa e outro se eu souber que eles vão falar do Aboutrika. Gosto dele e sempre quero saber o que ele está fazendo. Também sei da família dele e da maneira como ele é. Um bom marido e pai. Isto faz dele uma pessoa muito querida. Fico pensando se existem mais jogadores tão bons como pessoa. Nem gosto tanto de futebol, mas o que eu ouvia falar dele era tão especial que passei a gostar do Ahly e do Aboutrika. (informação verbal) [tradução nossa] (Yasmine Mohamed)²⁷

A demanda do público para o programa analisado é eclética e a forma “*show*” como ele se apresenta é a razão do seu sucesso.

As torcidas se veem nas perguntas feitas pelo apresentador, nos comentários feitos pelos convidados, nas matérias e entrevistas apresentadas.

Os que gostam de saber da vida pessoal do atleta se satisfazem e os que não gostam acabam por não perceber que ela é exposta no programa pela maneira que as notícias são colocadas.

Apesar de não ser comum a prática de pesquisas qualitativas e quantitativas para conhecer o público alvo de programas no Egito, a equipe do “Esporte hoje” consegue fazer o programa ser muito assistido e apreciado. A incoerência fica na definição dada por eles de que trata-se de um programa jornalístico, quando, por tantos motivos – a começar pelo apresentador, o programa é um *show* que tem como tema, o esporte.

6.12 MULHERES

O tema “mulher” não poderia ficar fora de um trabalho que tenha como objeto de análise um país árabe. Para a maioria dos ocidentais – como são denominados os habitantes de países não árabes por povos árabes – a mulher é desrespeitada nestes países por causa da religião. Muitos acreditam que o Islam transforma mulheres em pessoas submissas e, até

²⁶ Informação obtida por meio de entrevista com Ahmed Eissa, egípcio, 34 anos, professor.

²⁷ Informação verbal obtida por meio de entrevista com Yasmine Mohamed, egípcia, 24 anos, operadora em agência de viagens.

mesmo, humilhadas. No Egito, a religião traz limitações para as mulheres mas elas são menores, se comparadas a outros países com maioria muçulmana. O Egito é, juntamente com o Líbano, visto por outros povos árabes como sendo um dos lugares onde a mulher tem mais liberdade, onde o Islam é seguido com mais “suavidade”.

A visão de uma mulher muçulmana, no Egito, é muito diferente da que imaginam os que pensam ser a mulher uma “vítima” do Islam. A maioria delas segue a religião por que deseja, respeita os preceitos por que acredita neles e se sente bem assim. Elas se dizem mais respeitadas do que as ocidentais por terem o marido como uma pessoa que cuida delas e as protege.

Eu fico observando os que falam mal do Islam. Eles dizem que nós não podemos mostrar nossos cabelos para os outros, que não temos liberdade e usam tons piedosos nas frases que dizem respeito à mulher muçulmana. O que eles não entendem é que o Islam cuida da mulher. O homem que segue o Islam é alguém que respeita e cuida de sua esposa, sua mãe, suas irmãs e suas filhas. Ele respeita a elas e elas o respeitam. Uso o hijab por que gosto. Meus irmãos, que são os responsáveis por mim – meu pai morreu quando eu era criança – , já me aconselharam a retirá-lo para aproveitar uma oportunidade de trabalho internacional que exigia o não uso dele. Eu não quis. Não vou contra os preceitos de minha religião para agradar a alguém. (informação verbal) [tradução nossa] (Azza Selim)²⁸

É claro que existem as que não pensam desta forma, mas elas são minoria. No Egito, até o uso do hijab não é ponto comum entre as muçulmanas – algumas seguem o Islam mas não o utilizam. Há um preconceito vindo de parte da população frente a estas modernidades, mas isto não impede a entrada de “liberdades” ocidentais no país – moda, costumes, tecnologias etc.. Os mais radicais culpam a globalização, mas a forma como o Islam é professado no Egito é diferente da maneira como é professado em muitos países árabes e isto é fato. Esta “suavidade” não impede que a religião, mesclada à cultura, cerceie a participação de mulheres em determinadas profissões – jornalistas esportivas, bailarinas do ventre, atletas, motoristas, policiais...

Há uma exceção muito especial no jornalismo esportivo: Hanaa Hamza. Esta jornalista está à frente do programa esportivo “Nile sport” há mais de 5 anos. No canal aberto, “Nile TV”, Hanaa comanda um programa sobre futebol líder de audiência em seu horário. Ela recebe jogadores, conversa com personalidades do futebol egípcio e comenta todos os lances das partidas da última rodada. O programa traz notícias internacionais de jogadores egípcios

²⁸ Informação verbal obtida por meio de entrevista com Azza Selim, egípcia, 26 anos, diplomata.

que atuam em outros países, de alguns campeonatos – europeu, italiano etc. – e de jogadores brasileiros admirados no Egito – Ronaldinho, Kaká, Ronaldo.

Hanaa Hamza é admirada no Egito, respeitada como jornalista e como mulher que entende de futebol. Seu programa é sério, comprometido com a verdade, alegre, informativo e divertido. Ela combina carisma e humor com informação e conquista cada vez mais o público egípcio. A apresentadora não é mais vítima de preconceito ou de comentários maldosos, mas as coisas nem sempre foram assim. Ao decidir estar jornalista esportiva na área do futebol em um país com maioria muçulmana, Hanaa foi corajosa e muitas egípcias têm seguido seu exemplo. Hoje existem mais mulheres que seguem profissões antes destinadas somente aos homens.

Muitas foram as conquistas das mulheres no Egito. A maior delas veio com a participação da primeira dama – esposa do presidente Mohamed Hosni – Mubarak, sra.Suzan:

No passado, uma mulher egípcia precisava de autorização escrita do marido para viajar. Hoje isto não é mais necessário. Pode parecer pouco para algumas pessoas, mas para as mulheres egípcias isto foi grande conquista e, junto a ela, muitas outras vieram. A oportunidade de trabalho fora de casa sem discriminação ou preconceito, sem insultos e com o respeito que deve ter qualquer trabalhador é um exemplo. Faz-se necessário dizer que, mesmo com tantas aberturas e novidades, a mulher ainda tem salário menor que o do homem no Egito. Isto é explicado por muitos com a afirmação de que, pelos preceitos islâmicos, o homem precisa sustentar a família financeiramente e, por isto, necessita ter mais dinheiro. Também é preciso ressaltar que, alguns homens ainda não deixam que suas esposas trabalhem fora de casa, exigem o uso do hijab, não aceitam a opinião delas por as imaginarem incapazes de exprimi-la com inteligência e entendem ser a mulher um “divertimento” e não uma companheira.

Importante não só para as mulheres egípcias mas para o mundo é o respeito que elas vêm conquistando, ainda que de forma gradual. O exemplo de algumas mulheres egípcias que lutam para conquistar o seu espaço na sociedade tem feito com que os que ainda não as respeitem passem a fazê-lo, ainda que sobre pressão. A mulher egípcia não é mais a sombra do marido. Conquistou seu espaço com muita luta e tem em exemplos como a ousadia de Hanaa, ao escolher um caminho trilhado apenas por homens, a força para ir ainda mais longe.

Hoje se uma mulher sai para trabalhar o homem não reclama. Muitos até fazem questão de que ela trabalhe. Para mim, ela deve fazer o que a fizer se

sentir bem. Mas, se minha esposa trabalha, o dinheiro dela é para comprar coisas para ela. Não aceito que ela pague nada dentro de casa. [tradução nossa] (informação verbal) (Wael Selim)

A fala de Wael demonstra que a mudança de pensamento de alguns homens egípcios e esta abertura ao novo têm certo limite. A soberania do homem continua sendo preservada e o costume de que é ele o responsável pelo sustento da família se mantém. Isto mostra que a mulher egípcia conquistou muitas coisas, mudou muitos conceitos, mas que ainda há muito a se fazer, há muitas barreiras para se derrubar, muitos paradigmas...

As mais jovens estão empenhadas e, agora, vêm ganhando o apoio maciço das mais velhas. Muitas mulheres com mais de 40 anos já trabalham fora do lar.

Já trabalho fora há algum tempo. Sou feliz assim. Meu marido nunca reclamou do meu trabalho por que ele nunca atrapalhou a realização de minhas tarefas na casa. Acho importante a mulher trabalhar. Hoje não tenho mais ele do meu lado. Ele morreu quando meus filhos eram pequenos e o trabalho me ajudou a criá-los. [tradução nossa] (informação verbal) (Sâmia Selim)²⁹

Muito se conseguiu e muito ainda é necessário conseguir, mas o que se pode afirmar em relação à mulher egípcia é que ela, sem dúvida, tem liberdade maior se comparada à outras mulheres de alguns outros países com maioria muçulmana. O Egito é acusado por muitos radicais do Islam de ter um presidente que abre as portas para o “pensamento americano” justamente por esta diferença no aceitar as mudanças.

A verdade é que, com ou sem esta abertura ao “pensamento americano”, as mulheres egípcias são fortes, valentes e têm total mérito nas conquistas que foram sendo estabelecidas. A luta delas é a razão de conquistas passadas e de outras que estão por vir.

6.13 IGUAIS E DIFERENTES

Pensem nos programas esportivos da TV brasileira.

²⁹ Informação verbal obtida por meio de entrevista com Sâmia Selim, egípcia, 55 anos, diretora de um laboratório em um Hospital dedicado ao tratamento de câncer.

São muitos, com horários definidos em função dos jogos que, em alguns casos, têm seus direitos de exibição comprados por algum canal. Com apresentadores que não são ex-jogadores de futebol – nos canais brasileiros a apresentação destes programas ainda é uma função jornalística. Com especialistas para comentar arbitragem e ex-jogadores para comentar jogos e jogadas. Bem diferente da estrutura do “Esporte hoje”.

É claro que existem programas brasileiros que se aproximam bastante da maneira de fazer programa esportivo



Figura 6 – Milton Neves entrevistando Maradona no carnaval.

egípcia. Estes programas fazem uso de algumas práticas que os distanciam do jornalismo – *merchadising*, divulgação de notícias pessoais dos atletas – fofocas – , críticas e comentários que passam longe do “informar”. Mas não são todos os programas que as utilizam.

Desde os anos 70, a necessidade de um jornalismo esportivo mais informativo, sério e comprometido com a verdade foi só aumentando. As editorias de esporte dos jornais foram criadas e com elas a necessidade de um jornalista mais preparado para tratar do assunto esporte.

Esta necessidade ficou ainda mais forte na TV, quando em 1987 as transmissões ao vivo dos jogos começaram. O “ao vivo” não permitia mais esconder, “maquiar”, diminuir, aumentar ou endeusar – como nos textos de Nelson Rodrigues – ou alterar o que acontecia nos estádios.

A profissionalização crescente no esporte, a melhoria dos clubes (com a criação de departamentos mais estruturados – médicos, nutricionistas, auxiliares técnicos, chefes de delegação e gerentes de futebol) e o surgimento de novas tecnologias utilizadas na cobertura esportiva – transmissão ao vivo, possibilidade de repetir jogadas e colocar linhas de efeito gráfico na tela para tirar dúvidas em marcações dos árbitros, câmeras de ângulos diferentes, microfones ambientes, satélites, celulares e notebooks – também foram decisivos para o formato dos programas esportivos que temos hoje e para a maneira como transmitimos futebol no Brasil.

A Internet também influenciou muito o jornalismo esportivo. Hoje, as TVs não podem somente dar a notícia pois ela já foi passada em algum site esportivo praticamente em tempo real. Assim, o jornalista esportivo de TV precisou aprender a fazer suas matérias com os pormenores da notícia. A venda de um jogador não é mais o furo de reportagem da TV, pois, muitas vezes, já foi noticiada na Internet. Os detalhes desta negociação é que serão alvo de matérias esportivas visto que a Internet, nestes casos, apresenta textos muito sucintos.

Com todas estas mudanças acontecendo rapidamente, muitos jornalistas ainda não conseguiram realizar um trabalho que esteja à altura do que o espectador deseja. Por esta razão, surgem cada vez mais programas como o “Esporte hoje” – ditos jornalísticos quando são apenas *shows*.

No Brasil temos alguns exemplos de programas muito parecidos com o analisado apresentados por jornalistas que não são ex-jogadores. Nestes programas, os jornalistas-apresentadores fazem marketing, atuam ou participam das cenas que seus comentaristas protagonizam e opinam sobre tudo e todos com ares de “sabe-tudo”.

“O Terceiro Tempo” apresentado por Milton Neves é um *show* que o transformou em ícone do merchandising no Brasil – o excesso de marketing feito pelo jornalista o faz ser ridicularizado em alguns programas humorísticos. O programa é interrompido muitas vezes para que o apresentador fale de produtos e patrocinadores. Milton não se preocupa com os que o acusam de não ter ética jornalística e segue fazendo marketing até para cervejaria brasileira. Numa entrevista com o jogador Maradona, durante o carnaval, Milton e sua equipe – ele tinha uma mulher como assistente de palco – vestiram literalmente a camisa de uma cervejaria.

Contrariando todas as regras do bom jornalismo, Milton Neves faz um show no qual o importante é conseguir audiência e, conseqüentemente, mais patrocinadores. Sua maneira de fazer programa esportivo foi muito criticada quando ele ainda utilizava uma bela mulher como assistente – hoje ela apresenta outro programa esportivo em outra emissora de televisão brasileira – e, mesmo depois de algumas mudanças, ainda é alvo de muitas críticas. Isto por que o que ele faz não é considerado por especialistas como sendo jornalismo esportivo, apesar de ele se irritar quando isto é dito. Milton se considera jornalista e não apresentador.

No canal “Rede TV”, Fernando Vannucci faz um programa no qual ex-jogadores são comentaristas – opinam e até discutem demonstrando irritação.



Figura 7 – Resumo do programa "Bola na rede" na página do canal "Rede TV".

jornalismo esportivo é levado a sério, mas que há espaço para a descontração que é exigida pelo povo. Além de estar dito que há informação, mas com alguma polêmica que, segundo o texto, é algo inevitável. A estrutura do programa é repleta de erros, se comparada ao que é proposto pelo “Manual do Jornalismo Esportivo” como sendo o ideal para um programa jornalístico esportivo. O jornalista se perdeu diante do apresentador.

Mesmo no canal líder de audiência no Brasil, existem equívocos no jornalismo esportivo:

A Rede Globo exibiu, no dia 6 de junho de 2008, matéria sobre a seleção brasileira de responsabilidade do jornalista esportivo Tino Marcos. Nela, ele mostrava vários jogos nos quais a seleção somente conseguiu a vitória no final da partida. No meio da reportagem, aparece o narrador Galvão Bueno nervoso em um jogo da seleção brasileira durante a cobrança de um pênalti. Matérias como esta, repletas de nacionalismos e emoção, são comuns quando se fala de seleção brasileira. Muitos jornalistas – de qualquer parte do mundo – não conseguem dosar bem estes ingredientes mesmo sendo muito experientes.

Talvez a maior diferença entre Brasil e Egito seja o cuidado com o que vai ao ar.

No Egito não há preocupação com a estética como a que vemos no Brasil: microfones aparecem sem identificação, sujos, com fios velhos; repórteres surgem com os cabelos enebados, roupas muito coloridas, calças jeans com rasgos cheios de estilo; a imagem “salta”

³⁰ Aqui o jornalismo esportivo é levado à sério sem blá, blá, blá, mas com a descontração que o povo exige. Muitos gols e comentários em cima do lance com quem sabe do assunto. O jornalista Fernando Vanucci comanda o bate-papo com informação e a inevitável polêmica. O ex-goleiro Ronaldo Giovaneli, um dos maiores ídolos da história do Corinthians, e Marcelo Bianconi, jornalista, têm presença fixa e também tocam a bola com muita opinião para as tabelinhas com você telespectador, a pessoa mais importante para nós da RedeTV! Convidados ilustres do mundo da bola, entrevistas exclusivas, vestiários ao vivo, gols e prêmios para você... (RedeTV, programa “Bola na rede”. Disponível em: <<http://www.redeTV.com.br/siteredeTV/grupos/jornalismo/hdsat/>>. Acesso em: 10 junho 2009)

nas trocas de câmera; pés são filmados muitas vezes; pessoas passam na frente do entrevistado fazendo sinalização de “tchau” para a câmera; a iluminação desliga no meio da reportagem “ao vivo” e eles continuam a entrevista sem nenhuma explicação ou pedido de desculpas pela falha; fios aparecem no chão dos estúdios ou embolados nas mãos do repórter que faz a entrevista fora dos estúdios; entrevistados não são identificados com legenda e, quando são, muitas vezes a informação está errada.

É um festival de imagens feias que vão ao ar sem nenhum problema em alguns canais egípcios e o telespectador não parece se incomodar com elas:

Se você não falasse eu não ia perceber que isto acontece. Você tem certeza de que isto não acontece nos canais do Brasil? Não acho que um microfone sem o nome do canal vai mudar alguma coisa para mim. Há momentos que eu nem vejo a televisão, só escuto. Ligo a televisão, aumento o volume e fico com meu Laptop usando a Internet. [tradução nossa] (informação verbal) (Wael Selim)

Eu vejo estas coisas que você falou, mas não acho que isto seja tão ruim. Eu estou preocupada com o que estão falando. Eu até acho que alguns erros são feios, mas não acho que seja necessário pedir desculpas porque não acho que a culpa foi de alguém. Se a luz apaga ou não dá mais para falar com o repórter é porque alguma coisa aconteceu e não foi alguém que desligou tudo. Por isto acho que se fossem ficar pedindo desculpas por tudo que acontece eu não iria assistir. Ficaria tudo muito chato. [tradução nossa] (informação verbal) (Yasmine Mohamed)

É óbvio que acontecem erros estéticos nos canais brasileiros, mas, comparados aos do Egito, são nada. E, aqui, depois de cada erro normalmente virá um pedido de desculpas. O comentário de Yasmine pode nos dar uma dimensão da quantidade de falhas deste tipo nos canais egípcios quando ela diz que “fossem ficar pedindo desculpas por tudo que acontece eu não iria assistir”. No Brasil, estes pedidos de desculpas são possíveis, pois não são necessários tão frequentemente. Vale ressaltar que estas falhas não são comuns a todos os canais egípcios e não são todos os programas que se descuidam da estética.

Outro ponto que marca a diferença entre a forma de fazer programa esportivo egípcia e a brasileira está no uso de repórteres nas transmissões de futebol “ao vivo”. No Egito, o repórter está vinculado ao programa esportivo que estiver ligado à transmissão da partida do dia. Não há o uso de um repórter para cada time. Existe apenas o repórter do programa e este irá entrevistar jogadores das duas equipes.

No programa “Esporte Hoje”, muitas vezes o repórter só entrevista os jogadores de uma equipe – a que venceu ou a mais “famosa”. Isto também seria um ponto forte nas diferenças analisadas. Aqui o privilégio de entrevistas somente com vencedor da partida ou os

jogadores mais famosos não ocorre, ou, pelo menos, não deveria acontecer. O jornalismo esportivo sério e baseado nos princípios básicos jornalísticos não tem espaço para esta “preferência” de escolha na hora de entrevistar. O jornalista comprometido com a verdade irá dar espaço aos dois times envolvidos na partida.

Iguais e, ao mesmo tempo, diferentes, Brasil e Egito seguem tentando encontrar a fórmula do jornalismo esportivo perfeito.

7. CONCLUSÃO

Países do mundo inteiro transmitem futebol e, em consequência disto, produzem programas esportivos. Cada um deles tem suas particularidades no que tange à cobertura jornalística do futebol, mas todos têm muitas semelhanças.

O esporte é o mesmo, os jogadores, o campo, a bola... a paixão que ele move. A matéria prima é exatamente igual em qualquer lugar do mundo. Quem vai fazer a diferença é o jornalista e a maneira como ele irá modificar esta matéria. A forma que ele dará a ela, o recorte que fará da realidade e a linguagem que usará para expor tudo isto.

O público espera que o esporte o envolva, o apaixone, o entristeça ou o alegre. Deseja sentir o esporte, divertir-se ou irritar-se com ele, sofrer quando sua equipe perde e comemorar muito quando ela ganha.

E comemorar inclui ler sobre a vitória, assisti-la na TV, ouvi-la nas rádios...

Quando um time ganha um campeonato, os jornais vendem mais, o programa esportivo aumenta sua audiência. O torcedor deseja ver, rever, reviver a vitória nas notícias e comentários que lê, ouve ou vê. Também precisa ouvir, ler ou escutar, de pessoas que considera especialistas no assunto, elogios para a vitória ou explicações para a derrota.

E este desejo está nos torcedores brasileiro, japonês, inglês... egípcio.

Por isto o número de programas esportivos cresce, os sítios sobre o assunto multiplicam-se na rede e os jornais aumentam suas equipes de jornalistas esportivos.

A cobertura esportiva – principalmente a do futebol – ganha cada dia mais espaço em qualquer meio de comunicação. E não é preciso uma “Copa do Mundo” acontecer para promover este crescimento. O futebol se promove sozinho. Os campeonatos de futebol espalhados pelo mundo ganham cada vez mais espaço em países diferentes daqueles onde são realizados.

No Egito, um apaixonado pelo esporte pode assistir aos jogos do “Campeonato Brasileiro”, do “Paulistão” e do “Carioca” – canais árabes transmitem jogos destes campeonatos. A globalização e as novas tecnologias – Internet e satélites – destruíram fronteiras, transformaram campeonatos locais em “mundiais”, permitiram o conhecimento do que era apenas do outro. E o espectador gostou disto.

O jornalista precisou melhorar, se globalizar também. Necessita conhecer mais sobre o futebol mundial e a melhor forma de mostrá-lo aos ávidos amantes do esporte em seu país.

Os programas esportivos começaram a se transformar em bons negócios – muita audiência e, conseqüentemente, muitos patrocinadores. E isto foi trazendo muito novos

profissionais para a área – alguns muito bons e outros nem tanto. O lucro obtido com estes programas é decisivo na formatação deles. Muitos são os programas que não estão preocupados com um formato informativo, a preocupação é com o “prender” o telespectador pelo maior tempo possível. Garantir audiência é sinônimo de ganhar dinheiro.

O jornalismo esportivo que, desde os anos 60 começou a primar pela veracidade, seriedade e respeito às normas do jornalismo, foi se transformando em uma espécie de *show* lucrativo para alguns apresentadores que insistem em se definir como jornalistas. A prática espalhou-se pelo mundo. O público não se preocupava com ela e alguns começaram a exagerar nos “merchans” fazendo com que eles fossem, finalmente, notados e odiados.

A cobertura de TV, alvo de análise neste trabalho, é a que mais sofre com as propagandas: o abuso, tanto no Brasil como no exterior, transformou o esporte em uma das maiores fontes de dinheiro para muitos canais.

Seriam, então, as coberturas do futebol iguais em qualquer parte do mundo, até no Egito?

Não, definitivamente, não seriam.

As semelhanças inegavelmente existem:

Em alguns programas de diversas partes do mundo, podemos observar que os cenários são parecidos, os termos utilizados são os mesmos – ainda que a língua materna não seja –, o formato é semelhante e até os equívocos cometidos são iguais.

A busca incessante pelo maior número de espectadores une todos eles e os leva a cometer os mesmos erros. Transformam jornalismo esportivo em *show*, privilegiam a polêmica frente à informação e, desta forma, afastam-se cada vez mais do jornalismo sério, ético e compromissado com a verdade.

Outra semelhança seria o uso dos ex-jogadores famosos. Aqui eles ainda não são apresentadores como no Egito, mas são comentaristas em programas e nas transmissões de futebol “ao vivo”. Alguns programas os colocam como “defensores” de equipes onde fizeram fama como jogadores.

Os comentários, opiniões e conselhos sobre vida pessoal são outro ponto em comum que estes programas possuem. No Brasil, alguns programas não fazem uso deles, mas há os que prezam a polêmica provocada por este tipo de comentário. A grande audiência desejada por estes programas e a demanda de parte do público que anseia por eles seriam o motivo do surgimento disto, que não deve ser considerado jornalismo.

A rivalidade entre os times sempre foi tema de bons textos jornalísticos. Na TV, eles sempre renderam boas matérias e, para os programas esportivos, são um ótimo motivo para polêmicas. E, com a polêmica, material para um programa inteiro:

Deixar o torcedor com a dúvida do que é ou não verdade até o final do *show* – se aquele bom jogador vai mesmo deixar seu time e ir para o rival, se o treinador vai deixar a equipe ou se o craque do adversário não estará escalado para a próxima partida. Deixar a confirmação de que o pênalti foi marcado corretamente para o final do programa. Práticas comuns nos dois países que, por mais que sejam alvo de crítica de muitos jornalistas, vão sendo cada vez mais utilizadas.

Apesar das semelhanças, a cultura é o ponto que marca as diferenças. O Egito é culturalmente extremamente diferente do Brasil. O torcedor egípcio é muito diferente do torcedor brasileiro, ele espera uma programação diferente da que espera o brasileiro. É claro que existem pontos em comum nesta ânsia televisiva, mas as diferenças são muito evidentes. O telespectador egípcio espera sempre algo que tenha a ver com sua cultura religiosa – que é fortíssima. Já o brasileiro não mistura futebol à religião com tamanha força. Há as orações antes dos jogos, das cobranças de pênaltis e a fé evidente em jogadores e torcedores, mas a religião não limita o esporte como no Egito – até os jogos têm que adequar datas e horários por causa da religião. A cultura os envolve e os diferencia muito.

Alguns podem duvidar desta afirmação por acreditarem não ser possível haver tantas diferenças. Todos costumam ir aos estádios e os que não vão acompanham os jogos pela TV. A maioria se interessa por programas esportivos, busca todas as notícias sobre sua equipe, gosta de falar de futebol, de brincar com os amigos torcedores de times adversários.

Como poderiam ser diferentes?

A religião no Egito afeta o modo de torcer. Não é permitido o uso de bebidas alcoólicas – aqui no Brasil futebol combina com cerveja e bares colocam telões para exibir jogos –, as festas para comemorar vitórias nas ruas são mais contidas e em número menor – a maneira de expressar emoção no egípcio é limitada pela religião –, não é muito comum um torcedor fazer brincadeiras com o rival – acontece apenas entre pessoas muito íntimas e, mesmo assim, é raro –, durante os feriados religiosos, principalmente no Ramadan, os estádios são fechados e não há jogos, pois se acontecessem não teriam espectadores e, quiçá, jogadores presentes.

A liberdade de expressão também é outro fator que limita jogadores e torcedores. O jogador Aboutrika, ídolo no Ahly, comemorou um gol quando jogava pela seleção egípcia – durante a Copa das confederações da África – mostrando uma camisa com os seguintes dizeres:

“*Sympathize with Gaza*”

“Simpatia por Gaza” [tradução nossa]

A frase também aparecia em árabe, logo abaixo do texto em inglês. O gesto fez com o que o jogador tivesse problemas que foram além do cartão amarelo dado pelo juiz da partida – por ter desrespeitado as regras da FIFA³¹ que proíbem alusões políticas em comemorações de gols. Críticas e apoio se misturaram nos noticiários e nos comentários dos torcedores, mas o que ficou claro foi que a “censura egípcia” se estende aos campos de futebol. De acordo com algumas páginas na Internet, representantes do governo egípcio conversaram com o jogador sobre o assunto esperando que atos como este não se repetissem. A premissa é de que futebol e política não devem se misturar. E a frase da camisa de Aboutrika teria, para alguns, conotação política fortíssima. Para o jogador, a intenção era muito mais religiosa que política.

No Brasil, Romário foi um jogador que colecionou muitos cartões amarelos por exibir camisetas em comemorações de gols, mas as punições tinham a ver somente com a quebra de regras da FIFA. Houve uma camisa que pedia, em inglês, o fim das guerras e a paz no mundo e o gesto não foi motivo de críticas, pelo contrário, lhe rendeu elogios.

Muitos outros jogadores comemoraram jogos com a exibição de frases religiosas em camisetas e não receberam castigo maior do que o cartão amarelo.

O que mostra que, no Egito, a liberdade é limitada até mesmo no futebol.



Figura 8 – Aboutrika comemorando gol com camiseta que traz apoio a Gaza.

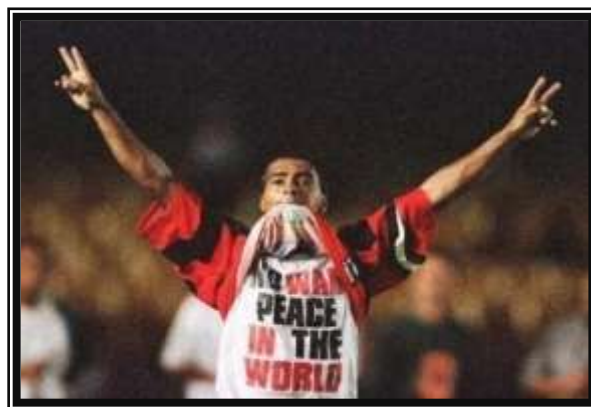


Figura 25 – Romário comemorando gol com camisa pedindo paz no mundo.

³¹ Federação Internacional de Futebol.

E esta é uma grande diferença.

A imprensa esportiva egípcia pouco comentou o acontecido – por medo de ter problemas com o governo – e a população ficou dividida. Com o tempo o caso foi esquecido e Aboutrika nunca mais comemorou gols com frases em camisetas.

A certeza que fica, depois desta análise, é que cada país tem sua maneira de tratar os assuntos do futebol. As semelhanças não os tornam iguais e as diferenças não os afastam por completo.

O esporte tem como transmissor o jornalista e este tem sua bagagem cultural que influencia no seu modo de fazer jornalismo.

A demanda do público também muda de um país para o outro e, mesmo que um programa seja a cópia de algum realizado em outro país, terá que sofrer adaptações, pois haverá necessidades ligadas à cultura que deverão ser avaliadas.

Diante das diferenças e semelhanças encontradas nos programas esportivos de Brasil e Egito, fica a necessidade de respeitar mais o público do esporte – jornalistas precisam agir como jornalistas e o cumprimento das regras do jornalismo deve ser observado também no jornalismo esportivo.

Marketing pode ser feito e é um mal necessário – porque é o que mantém muitos programas no ar –, mas precisa ser realizado com responsabilidade. Deve-se deixar claro que o comentário sobre um produto foi feito por que alguém pagou por isto. E o limite para a quantidade de *merchandising* deve ser o bom senso.

O jornalista esportivo sempre buscou mais respeito e nos tempos atuais sua profissão conseguiu importância e igualdade com outras áreas do jornalismo. A “invasão” destes apresentadores esportivos e seus programas pouco preocupados com a seriedade e credibilidade jornalística é uma ameaça ao respeito conquistado anteriormente. Manter estas condições depende exclusivamente de cada profissional que precisa abolir a prática de fazer do futebol um show no qual as estrelas principais são a vaidade, as informações incertas que geram polêmicas e o exagero nas propagandas.

Aqui ou em qualquer lugar do mundo, o espectador anseia por uma cobertura esportiva bem feita – baseada no respeito e focada no que realmente interessa a ele. Com informações precisas e diretas, sem “enganações” que tentem prendê-lo a uma programação de baixa qualidade.

Egito e Brasil apresentam o futebol de maneira diferente, mas com uma semelhança muito especial: o amor pelo esporte que traz alegria, entretenimento e diversão sem dividir ricos e pobres, negros ou brancos, egípcios ou brasileiros.

8. BIBLIOGRAFIA

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia – **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006. ISBN 8572443150

COELHO, Paulo Vinícius – **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003. ISBN 8572442138

GUELLOUZ, Azzedine – **O Alcorão**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

RODINSON, Maxime – **Maomé**. Lisboa: Caminho, 1992. (Coleção "Universitária"). ISBN 9722107267

ARMSTRONG, Karen – **Maomé: uma biografia do profeta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. ISBN 8535902368

“Egypt”. **The Columbia Encyclopedia, 6th ed.** New York: Columbia University Press, 2001–04. www.bartleby.com/65/. [2001].

MAFRA, J. R. D. **Modelo para elaboração de propostas de projeto final: Aplicável para monografias ou projetos práticos**. Rio de Janeiro, 2005. Projeto apresentado para a aula Projeto Experimental 1, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Egypt State Information Service. **Radio and Television** <<http://www.sis.gov.eg/En/Arts&Culture/RTV/071700000000000001.htm>>. Acessado em 20 de Agosto de 2008.

Jornalistas da Web (2000). **Ponto Jol** <<http://www.jornalistasdawe.com.br/index.php?pag=pontoJol&paginaAtual=10>>. Acessado em 12 de Agosto de 2007.

The Museum of Broadcast Communications (MBC) (2008). **Egypt** <<http://www.museum.TV/archives/eTV/E/htmlE/egypt/egypt.htm>>. Acessado em 20 de Agosto de 2008.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis. Vozes, 1997.

WITTER, José Sebastião. **Breve História do Futebol Brasileiro**. São paulo. FTD, 1996.
Vatikiotis, P.J. *The History of Modern Egypt*. 4a. edição. Baltimore: Johns Hopkins University, 1992, p. 39

Vatikiotis, P.J. **The History of Modern Egypt**. 4a. edição. Baltimore: Johns Hopkins University, 1992.